



Academia Militar

Guerra de Manobra e Operações de Baixa Intensidade

**Aspirante a Oficial Aluno Infantaria Hugo Guilherme Gonçalves Fontes
Laranjeira**

Orientador: Coronel Infantaria Manuel Nunes Maio Rosa

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, julho de 2015



Academia Militar

Guerra de Manobra e Operações de Baixa Intensidade

**Aspirante a Oficial Aluno Infantaria Hugo Guilherme Gonçalves Fontes
Laranjeira**

Orientador: Coronel Infantaria Manuel Nunes Maio Rosa

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada
Lisboa, julho de 2015**

Dedicatória

Aos meus pais, irmã e namorada.

Agradecimentos

Infelizmente, o espaço dedicado a esta secção, não me permite agradecer, como gostaria, a todas as pessoas, que ao longo do meu Mestrado Integrado em Ciências Militares me ajudaram direta ou indiretamente a cumprir os meus objetivos e a finalizar aquela que será a etapa mais importante da minha formação académica.

Desta forma, é com muita satisfação que expresso aqui o mais profundo agradecimento a todos aqueles que durante os meus cinco longos anos de formação passaram pelo meu caminho e que com certeza deixaram um pouco de si, estimulando-me emocional e intelectualmente.

À Academia Militar, agradeço a excelência da formação prestada e conhecimentos transmitidos, bem como todos os meios que foram colocados à minha disposição para a realização desta investigação.

Ao meu orientador, Coronel de Infantaria Manuel Nunes Maio Rosa, pelo seu apoio, disponibilidade, incentivo transmitidos, pelas críticas e pela total colaboração em todas as fases que levaram à concretização deste trabalho.

Um agradecimento especial, ao Tenente de Infantaria Pedro de Barros Gonçalves Meneses, pela disponibilidade, dedicação, pelas valiosas contribuições para o trabalho e por estimular o meu interesse pelo conhecimento.

Ao Major de Infantaria António Luís Morais Pinto de Oliveira, pela boa vontade e disponibilidade ao longo dos últimos dois anos.

Aos meus camaradas e amigos da Academia Militar, que me acompanharam ao longo destes anos, obrigado pela vossa amizade, força e companheirismo, agradeço ainda a vossa ajuda e incentivo nas alturas de desânimo.

À minha namorada, o meu obrigado pelo apoio, por ser uma ouvinte atenta das minhas inquietações, pela confiança e valorização depositadas no meu trabalho.

Aos meus pais, um obrigado muito especial por me terem tornado na pessoa que sou, por me ensinarem a superar desafios, a fazer mais e melhor.

À minha irmã, pela paciência, amor, alegria e atenção sem reservas.

Um bem haja a todos vós.

Hugo Laranjeira

Resumo

O presente trabalho de investigação versa sobre o tema “ A Guerra de Manobra e os Conflitos de Baixa Intensidade”.

O objetivo desta investigação é identificar e caracterizar quais foram as táticas, técnicas e procedimentos usados por forças de guerrilha contra forças convencionais, e pela Frente Libertadora do Vietname, que conduziram à vitória contra o Exército Francês. Pretende-se, ainda, caracterizar a forma como os *Vietcongs* e Exército do Povo do Vietname do norte derrotaram o Exército Norte Americano.

Assim, esta investigação vai se fundamentar em exemplos práticos da I e II Guerra da Indochina, nomeadamente a Batalha de Hanói, Batalha de Dien Bien Phu e a ofensiva Vietnamita de Tet.

Com o presente trabalho de investigação aplicada será possível concluir como forças subversivas Vietnamitas conseguiram derrotar numa primeira fase os Franceses e de seguida os Americanos.

Com esta investigação pretendemos verificar se a aplicação do conceito de Guerra de Manobra poderá trazer vantagens em conflitos de natureza subversiva.

Palavras-chave: Guerra de Manobra, I Guerra da Indochina, II Guerra da Indochina

Abstract

The present investigation discusses the theme “The Maneuver War and Low Intensity Conflict”.

The main goal of this investigation is to identify and characterize what were the tactics, techniques and procedures used by the guerrilla forces, and by the Liberation Front of Vietnam, which led to victory against the French Army. It is also intended to characterize the way the Vietcong and Vietnam’s North People Army defeated the conventional forces.

Thus, this research will be based on practical examples of the I and II War of Indochina, specifically the Battle of Hanoi, Battle of Dien Phu and the offensive Vietnamese in Hanoi, Tet and Saigon.

With this applied research work, it is also possible to conclude as the subversive Vietnamese forces managed to defeat initially the French and then the Americans.

In this research, it is intended also to verify that the application of MW could bring advantages in subversive nature conflicts.

Keywords: Maneuver Warfare, I Indochina War, II Indochina War

Índice Geral

| | |
|---|-----|
| Dedicatória..... | iii |
| Agradecimentos | iv |
| Resumo | v |
| Índice Geral | 1 |
| Índice de Figuras | 4 |
| Índice de Tabelas | 6 |
| Lista de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos | 7 |
| Capítulo I — Introdução | |
| 1.1. Enquadramento da Investigação | 8 |
| 1.2. Justificação da Escolha do Tema..... | 9 |
| 1.3. Objeto e Objetivos da Investigação | 9 |
| 1.4. Questão Central | 10 |
| 1.5. Questões Derivadas | 11 |
| 1.6. Metodologia..... | 11 |
| 1.6.1. Método de Abordagem ao Problema..... | 12 |
| 1.6.2. Local e Data da Pesquisa de Dados..... | 12 |
| 1.6.3. Descrição dos Procedimentos de Análise e Recolha de Dados..... | 12 |
| 1.6.4. Síntese dos Capítulos | 13 |
| Capítulo II — Conceptualização | |
| 2.1. Introdução..... | 14 |
| 2.2. Conceito de Guerra..... | 14 |
| 2.3. Conflitos de Baixa Intensidade..... | 15 |

| | |
|--------------------------------|----|
| 2.3.1. Guerra Subversiva | 16 |
| 2.4. Guerra de Manobra..... | 17 |

Capítulo III — I Guerra da Indochina

| | |
|--|----|
| 3.1. Introdução..... | 20 |
| 3.2. Do Corpo Expedicionário Francês | 20 |
| 3.2.1. Estratégia Francesa..... | 21 |
| 3.2.2. Efetivo, Organização, Armamento e Equipamento..... | 21 |
| 3.3. Do Movimento de Libertação Viet Minh | 24 |
| 3.3.1. Estratégia Viet Minh | 24 |
| 3.3.2. Efetivo, Organização, Armamento e Equipamento..... | 27 |
| 3.4. Da Derrota em Hanói à Vitória em Dien Bien Phu | 28 |
| 3.4.1. A Batalha de Hanói | 28 |
| 3.4.2. A Batalha de Dien Bien Phu | 32 |
| 3.4.3. Dos Fatores que Determinaram a Derrota Francesa | 34 |
| 3.5. Síntese Conclusiva..... | 36 |

Capítulo IV — II Guerra do Indochina

| | |
|---|----|
| 4.1. Introdução..... | 37 |
| 4.2. Do Exército Americano | 38 |
| 4.2.1. A Estratégia dos EUA | 38 |
| 4.2.2. Efetivo, Organização, Armamento e Equipamento..... | 40 |
| 4.3. Do Vietname do Norte..... | 42 |
| 4.3.1. A Estratégia do Vietname do Norte | 43 |
| 4.3.2. Os Vietcongs | 45 |
| 4.4. A Ofensiva de Tet..... | 47 |
| 4.5. Síntese Conclusiva..... | 52 |

Capítulo V — Conclusões e Recomendações

| | | |
|------|--|----|
| 5.1. | Introdução..... | 54 |
| 5.2. | Resposta ás Perguntadas Derivadas..... | 54 |
| 5.3. | Resposta à Questão Central | 56 |

Bibliografia

Anexos

| | |
|--|---------|
| Anexo A – A Organização de uma Divisão Viet Minh..... | An - 1 |
| Anexo B – As Quatro Regiões Militares Americanas | An - 7 |
| Anexo C – A Organização de um Batalhão Vietcong | An - 11 |
| Anexo D – A Ofensiva de Tet | An - 12 |

Índice de Figuras

| | |
|--|--------|
| Ilustração 1: A Espingarda MAS 36..... | 22 |
| Ilustração 2: A Espingarda MAS 49..... | 22 |
| Ilustração 3: A Carabina M-2 | 23 |
| Ilustração 4: A Carabina M-1 | 23 |
| Ilustração 5: A Metralhadora Ligeira <i>Bren Gun</i> MK1 | 23 |
| Ilustração 6: A Metralhadora Pesada <i>Browning</i> | 23 |
| Ilustração 7: O Carro de Combate M-26 <i>Chaffee</i> | 24 |
| Ilustração 8: A Estratégia de Giap | 25 |
| Ilustração 9: As Fases da Emboscada <i>Viet Minh</i> | 26 |
| Ilustração 10: As Ofensivas <i>Viet Minh</i> em 1950 | 29 |
| Ilustração 11: A Batalha de Hanói..... | 30 |
| Ilustração 12: A Operação <i>Lorraine</i> | 31 |
| Ilustração 13: O Mapa do Vietname..... | 32 |
| Ilustração 14: A Batalha de <i>Dien Bien Phu</i> | 34 |
| Ilustração 15: A Espingarda Semi-automática M-14 | 40 |
| Ilustração 16: A Espingarda Automática M-16..... | 41 |
| Ilustração 17: O Lança Granadas M79 | 41 |
| Ilustração 18: A Mina <i>Claymore</i> M18A1..... | 41 |
| Ilustração 19: A VB M113 | 42 |
| Ilustração 20: O CC M-48 | 42 |
| Ilustração 21: Os Tunéis Subterrâneos dos Vietcongs | 44 |
| Ilustração 22: A Espingarda Automática AK-47..... | 46 |
| Ilustração 23: O CC T-55 | 47 |
| Ilustração 24: A VBTP BTR 60 | 47 |
| Ilustração 25: A Articulação da Artilharia com o Apoio Aéreo..... | 48 |
| Ilustração 26: O Cerco de <i>Khe Sanh</i> | 50 |
| Ilustração 27: O Assalto em Saigão..... | 51 |
| Ilustração 28: A Organização de uma Divisão <i>Viet Minh</i> | An - 1 |
| Ilustração 29: A Região Militar 1 | An - 7 |
| Ilustração 30: A Região Militar 2 | An - 8 |

Ilustração 31: A Região Militar 3 An - 9
Ilustração 32: A Região Militar 4..... An - 10
Ilustração 33: A Organização de um Batalhão *Vietcong* An - 11
Ilustração 34: A Ofensiva de Tet..... An - 12

Índice de Tabelas

| | |
|--|--------|
| Tabela 1: A Organização da Divisão 304 Viet Minh | An - 2 |
| Tabela 2: A Organização da Divisão 308 Viet Minh | An - 3 |
| Tabela 3: A Organização da Divisão 312 Viet Minh | An - 4 |
| Tabela 4: A Organização da Divisão 316 Viet Minh | An - 5 |
| Tabela 5: A Organização da Divisão 320 Viet Minh | An - 6 |

Lista de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos

| | |
|-------------|---|
| AHM | Arquivo H istória M ilitar |
| AM | Academia M ilitar |
| CC | Carro de C ombate |
| CEF | Corpo E xpedicionário F rancês |
| CMDT | Comandante |
| EPVN | Exército do P ovo do V ietname do N orte |
| ERDV | Exército da R epública D emocrática do V ietname |
| EUA | Estados U nidos da A mérica |
| GA | G uerra de A trito |
| GCMA | <i>Groupement Comandos Mixtes Aéroportés</i> |
| Gen. | G eneral |
| GM | G uerra de M anobra |
| IESM | Instituto E studos S uperiores M ilitares |
| LIC | <i>Low Intensity Conflict</i> |
| RDV | R epública D emocrática do V ietname |
| TIA | T rabalho de I vestigação A plicada |
| TO | T eatro de O perações |
| VC | <i>Vietcong</i> |
| VBTP | V iatura B lindada de T ransporte de P essoal |
| WCN | <i>Warfighting Cliff Notes</i> |

Capítulo I

Introdução

1.1. Enquadramento da Investigação

No âmbito do Mestrado Integrado em Ciências Militares, na Especialidade de Infantaria, é pedida a realização de um Trabalho de Investigação Aplicada (TIA). A elaboração desta investigação representa, certamente, um dos momentos mais importantes na carreira académica de um aluno da Academia Militar (AM), uma vez que são testados os conhecimentos que adquiriu ao longo do percurso académico bem como a capacidade de investigação individual.

O tema abordado no presente trabalho “Guerra de Manobra e os Conflitos de Baixa Intensidade” enquadra-se no âmbito da História Militar e pretende identificar a forma como forças mais fracas (guerrilhas ou grupos armados de subversão) exploraram as vulnerabilidades de forças mais fortes (convencionais), tirando partido do combate em áreas que lhes confirmam vantagem. Para ilustrar este facto, recorreremos a exemplos práticos da I e da II Guerra da Indochina, designadamente a Batalha de Hanói, Batalha de *Dien Bien Phu* e a Ofensiva Norte Vietnamita de Tet.

O conflito de baixa intensidade, é um confronto militar, que opõem dois tipos de força, de um lado temos as forças convencionais com grande potencial de combate, que enfrentam um adversário mal equipado, que recorre a técnicas de combate e que evitam o confronto direto procurando derrotar o inimigo pelo desgaste, como foi o caso da I e II Guerra da Indochina (American Army, 2007).

Os grupos subversivos conscientes do facto de se encontrarem menos equipados que o inimigo, tentavam atacá-los de maneira a causar o maior número de danos possíveis, tendo para isso de atacar os seus pontos fracos. Como a imposição de força de forma económica era o alicerce da Guerra de Manobra (GM), o método utilizado pelos grupos subversivos era o escolhido na altura de empregar a força.

1.2. Justificação da Escolha do Tema

Os conflitos de baixa intensidade e aplicação prática da GM estão hoje no primeiro plano dos estudos de Ciências Militares. Os principais Exércitos do Mundo deparam-se com conflitos com características muito próximas do “convencionado” conflito de baixa intensidade. São exemplos claros disso, os conflitos do Afeganistão, Iraque e, mais recentemente do Mali.

Assim, e considerando a escassez e dispersão de estudos que versem sobre os conflitos de baixa intensidade do passado e sobre a GM, leva a que nos debrucemos sobre o estudo destes conceitos e sobre algumas das aplicações práticas deles, designadamente o estudo de algumas das batalhas da I e II Guerras da Indochina.

Para além do referido, com o nosso estudo pretendemos identificar táticas, técnicas e procedimentos que, num futuro próximo, possam constituir uma mais valia no estudo dos conflitos que, na atualidade, se revestem da mesma natureza.

Demonstrar que a vitória de uma guerra não se prende com o número ou tipo de meios disponíveis mas sim com a eficiência com que estes são usados é uma das prioridades deste TIA. Posto isto, torna-se importante destacar os aspetos mais importantes que conduziram à vitória das forças de Guerrilha Vietnamita numa primeira fase ao Exército Francês e mais tarde, numa segunda fase, ao Exército Americano.

1.3. Objeto e Objetivos da Investigação

O objeto da presente investigação, é a aplicação do conceito de GM nos conflitos de baixa intensidade, na região da Indochina no período compreendido entre 1954 – 1975, em que estudaremos a atuação da França e dos EUA contra o Exército de Ho Chi Minh.

Com o fim da II Guerra Mundial iniciou-se o período da Guerra Fria¹ em que os Estados Unidos e a União Soviética disputaram a hegemonia política, económica e militar no Mundo (Times, 2003).

¹ O significado da expressão “Guerra Fria” refere-se ao conflito que aconteceu apenas no campo ideológico, entre os EUA e URSS, não havendo nenhum confronto militar. A expressão “Guerra Fria” surgiu em 1947, quando o assessor presidencial dos Estados Unidos, Bernard Baruch usou o termo para se referir à intensa rivalidade entre EUA e União Soviética após o término da 2ª Guerra Mundial (Times, 2003).

A Guerra Fria marca um dos momentos mais tensos da época contemporânea. Durante este período, o Mundo viveu sob a influência de duas super-potências rivais e debaixo da ameaça de um eventual conflito nuclear (Beckett, 1983).

De um lado tínhamos a União Soviética, que possuía um sistema socialista, baseado na economia estatizante, partido único (Partido Comunista), igualdade social e na falta de democracia, contra os Estados Unidos, que defendiam a expansão do sistema capitalista, baseado na economia de mercado, regime democrático e propriedade privada (Beckett, 1983).

Entre 1947 e 1989, estas duas potências tentaram implantar em outros países, geralmente através de pressão política e militar, os seus sistemas políticos e económicos, como foi o caso da I e II Guerra da Indochina (Magnoli, 2011).

O objetivo desta investigação, é identificar e caraterizar as táticas, técnicas e procedimentos utilizados por forças de guerrilha e pela Frente Libertadora do Vietname (FLV), contra o Exército Francês, e em seguida, caraterizar de igual forma como os *Vietcongs* e Exército do Povo do Vietname do Norte (EPVN) conseguiram derrotar forças convencionais. Para alcançar-mos este objetivo, iremos recorrer a exemplos práticos da I e da II Guerra da Indochina, designadamente a Batalha de Hanói, Batalha de Dien Bien Phu e a Ofensiva Norte Vietnamitas de Tet.

1.4. Questão Central

Para que a investigação seja bem-sucedida, é prioritário a criação de uma questão central objetiva, pois é através dela que “(...) o investigador tenta exprimir o mais exatamente possível o que procura saber, elucidar, compreender melhor (...)” (Campenhout, p. 92).

A linha orientadora para este trabalho é definida pela seguinte Questão Central: “Quais as vantagens de aplicar a GM, no contexto de um conflito de natureza subversiva?”

1.5. Questões Derivadas

Para que seja conduzida a investigação para a pergunta central foi necessário subdividir em questões derivadas.

Questão Derivada nº 1 – Qual o impacto da assimetria das partes têm num conflito de natureza subversiva, em que é aplicada a guerra da manobra?

Questão Derivada nº 2 – Qual o impacto que os *media* têm num conflito de natureza subversiva, em que é aplicada a guerra da manobra?

Questão Derivada nº 3 – Qual o impacto de não se dominar a iniciativa no contexto de um conflito de natureza subversiva em que é aplicada a guerra de manobra?

1.6. Metodologia

Segundo Manuela Sarmiento (2013, p. 4), a metodologia define-se “como sendo um processo ou método para atingir um fim.”. Assim, adotando a terminologia num âmbito científico considera-se o “ estudo de método aplicado à ciência. Consoante a área da ciência que se estuda” (Sarmiento, 2013, p. 4). Este por sua vez é composto por “um conjunto de regras básicas que visam obter novo conhecimento científico” (Sarmiento, 2013, p. 4).

Neste subcapítulo referente à Metodologia, descrevemos em detalhe a metodologia e os procedimentos utilizados para a realização desta investigação. Nesta investigação a metodologia seguida tem como principal referência o método de investigação histórica, “O método histórico analisa os fenómenos ou processos em estudo, atendendo à constituição, ao desenvolvimento, à formação e às consequências do fenómeno” (Sarmiento, 2008, p. 5), sendo baseado numa abordagem diacrónica², analisando a evolução da Guerra do Vietname, através da participação Francesa e norte Americana, para que no final da investigação seja possível explicar os métodos e táticas utilizadas pela guerrilha

² “Diacronia implica a investigação através – ou ao longo – de um tempo dado, isto é, longitudinal” (Mendes, 1987, p. 161).

Vietnamita, para esbater o poderio militar destes dois Estados e alcançar a vitória. Esta análise será feita através da consulta de fontes primária e secundárias, considerando a necessidade de comparar as táticas, técnicas e procedimentos utilizados pelo Exército Francês e Americano durante o conflito.

1.6.1. Método de Abordagem ao Problema

O método de abordagem ao problema foi o dedutivo, método este que foi proposto por Aristóteles baseando-se num “raciocínio racional e lógico, que parte do geral para o particular” (Sarmiento, 2008, p. 8). Este por sua vez, por norma, não gera novos conhecimentos, uma vez que as suas conclusões são sempre um caso particular da lei geral (Sarmiento, 2013) e ainda descritiva sendo que observa e descreve comportamentos conseguindo uma caracterização precisa das variáveis envolvidas num determinado fenómeno (Freixo, 2012).

1.6.2. Local e Data da Pesquisa de Dados

A elaboração da pesquisa documental efetuou-se na biblioteca da Academia Militar, no Arquivo de História Militar (AHM) e junto do Orientador deste TIA, na tentativa de recolher fontes primárias e secundárias de autores valiosos para a nossa investigação. A investigação realizou-se durante o seguinte período: de fevereiro de 2014 a julho de 2014.

1.6.3. Descrição dos Procedimentos de Análise e Recolha de Dados

A recolha de dados, teve maior incidência em fontes primárias e secundárias. Sendo, essencialmente, uma recolha documental em obras de reconhecido valor que representavam, obviamente, um contributo essencial à compreensão da temática.

1.6.4. Síntese dos Capítulos

O trabalho divide-se em cinco capítulos em que o primeiro corresponde ao enquadramento, à justificação da temática destacando a importância da realização do mesmo, inclui ainda a apresentação da questão central e derivadas bem como a metodologia usada para a realização deste TIA.

No segundo capítulo é feita a operacionalização dos conceitos de Guerra de Manobra, Guerra Subversiva, Conflito de Baixa Intensidade e por fim de Guerra.

No terceiro capítulo vamos estudar a I Guerra da Indochina, nomeadamente as batalhas de Hanói e *Dien Bien Phu* com o objetivo de verificar quais foram as táticas e técnicas utilizadas pelos *Viet Minh* contra o Exército Francês.

O quarto capítulo é fundamentado na II Guerra da Indochina, em que analisaremos a ofensivas de Tet para compreender as técnicas e táticas utilizadas pelos Vietcongs contra o Exército norte Americano.

Finalmente, no quinto capítulo, dar-se-á início às conclusões onde, com toda a informação absorvida ao longo do trabalho, ir-se-á responder à questão principal bem como às suas derivadas.

Capítulo II

Conceptualização

2.1. Introdução

O uso de uma terminologia correta está implícito na elaboração de um TIA, fazendo deste um projeto de investigação mais fidedigno, e enriquecido. Visto que o tema deste trabalho é “ A Guerra de Manobra e os Conflitos de Baixa Intensidade”, torna-se obrigatório definir e relacionar alguns conceitos. Portanto, neste capítulo vão ser esclarecidos os conceitos de guerra, conflito de baixa intensidade e GM, assim como a maneira como se relacionam entre si.

Ainda neste capítulo, vai ser definido o conceito de guerra subversiva, uma vez que algumas das batalhas da I e II Guerra da Indochina constituem um dos objetos de estudo desta investigação. Depois de explicado em que consiste a guerra subversiva, podemos identificar os motivos que estão na base do aparecimento deste tipo de conflito, apresentar as táticas e técnicas adotadas pelas forças de guerrilha e a forma como estas sustentam as suas operações.

2.2. Conceito de Guerra

A guerra é dos fenómenos mais antigos do planeta, tão antigo quanto a própria humanidade, comprovado pela existência de provas arqueológicas indiciosas, de que grupos do Cro-Magnon³ e Neandertal⁴ se confrontavam pela obtenção de recursos naturais, com o intuito de satisfazer as suas necessidades básicas (Times, 2003).

No entanto, não deve ser entendida como um simples confronto entre duas pessoas, a guerra “não é em absoluto um relacionamento entre homens, mas sim entre Estados”, em

³ É um dos primeiros fósseis a ser reconhecido como pertencente à nossa espécie (*homo sapiens-sapiens*), havia sido descoberto em 1868. <http://humanorigins.si.edu/evidence/human-fossils/fossils/cro-magnon>, consultado em 24 abril de 2015.

⁴ Primeiro modelo a ser reconhecido como um fóssil humano. Descoberto, em 1856, na Alemanha, os cientistas nunca tinham visto um espécime como ele. Em 1864, tornou-se a primeira espécie de homínídeo. - <http://humanorigins.si.edu/evidence/human-fossils/species/homo-neanderthalensis>, consultado em 24 abril de 2015.

que o recurso à violência é o meio usado para atingir os objetivos e impor a nossa vontade ao inimigo (Clausewitz, 1996).

Em 1648, com o final da Guerra dos Trinta Anos , a guerra passou a ser controlada pelo Estado, ficando assim subordinada à política. A política está encarregue de estabelecer os objetivos e a guerra de servir a política. Clausewitz, afirmava que a guerra é “a continuação da política por outros meios”, “um ato político” (1996). Tendo em consideração esta conceção de Clausewitz, pode-se afirmar que o Estado é o responsável pela condução de uma guerra, pois só a ele é atribuído o poder de governação.

No que diz respeito às guerras contemporâneas, o confronto não é feito apenas entre Estados, estes podem entrar em guerra com movimentos independentistas ou com Exércitos rebeldes. O confronto entre estados e organizações, que para atingirem os seus propósitos empregam a força, trouxe uma nova dinâmica ao conceito de guerra, surgindo assim a guerra irregular (Garcia, 2004).

2.3. Conflitos de Baixa Intensidade

Guerra de Guerrilha, Guerra Insurrecional, Guerra Revolucionária, Guerra Irregular ou Conflito de Baixa Intensidade são todas designações atribuídas a um conflito que se caracteriza pelo confronto entre um Exército e uma força não convencional. As razões que movem estas forças não convencionais podem ser várias, desde crenças ideológicas, sentimento de pertença a determinada região, forma de resistência a uma ocupação considerada ilegítima ou ainda um modo de intimidação em que o objetivo é conquistar a legitimidade e a autoridade política para controlar ou influenciar a população (Espírito Santo, 2014).

A doutrina norte americana interpreta estes conflitos como:

“um confronto político-militar entre estados ou grupos em conflito. Situa-se entre a guerra geral⁵ e as competições pacíficas rotineiras. Muitas vezes, envolve lutas prolongadas entre princípios e ideais concorrentes.

⁵ Conflito armado entre dois ou mais estados em que a totalidade dos seus recursos é utilizada e em que a sobrevivência nacional está seriamente ameaçada (Exército Português, 2012).

Os conflitos de baixa intensidade variam desde a subversão⁶ ao uso de forças armadas e são travados por uma combinação de meios, em que são utilizados instrumentos políticos, económicos, informacionais e militares. Este tipo de conflitos, estão muitas vezes localizadas nos países do terceiro mundo, mas contêm implicações de segurança regional e global (American Army, 2007, p. 8).”

De acordo com o General (Gen.) Espírito Santo, o surgimento destes conflitos manifestou-se após o fim da II Guerra Mundial⁷ e o empenhamento das primeiras tropas dos Estados Unidos da América no Vietname (2014). Durante este período despoletaram em diversas partes do mundo, vários conflitos desta natureza dos quais se destacaram: a I e a II Guerra da Indochina (1946), a Guerra de Independência da Argélia (1954) e a Guerra do Ultramar (1961-1975) (Times, 2003).

2.3.1. Guerra Subversiva

Segundo Couto, a guerra é “(...) um choque de interesses entre grupos organizados caracterizado pelo uso de força (...)” (1989), em que na guerra convencional, existem determinantes que são incisivos para a vitória - meios mais sofisticados, táticas e procedimentos inovadores e um efetivo superior são exemplos de alguns desses determinantes. No caso da guerra subversiva, alcançar a vitória por parte dos insurgentes, depende mais da capacidade que estes têm para angariar apoio para os seus interesses políticos, gerar violência e atingir as consequências políticas que desejam, do que a derrota do adversário (American Army, 2014).

O manual português, *O Exército Na Guerra Subversiva* define a guerra subversiva como:

“(...) guerra conduzida no interior de um território, por parte dos seus habitantes, apoiada ou não do exterior, contra as autoridades de direito ou de facto estabelecidas nesse território, com a finalidade de lhes

⁶ Ação levada a cabo com o objetivo de derrubar pela força um governo ou poder instituído. A motivação é política e resulta em violência não limitada a um território ou país, podendo terminar na eclosão de um conflito militar clássico. A subversão pode resultar do final de uma guerra ou do recrudescimento de uma paz instável (Exército Português, 2012).

⁷ Parafrazeando o Professor Adriano Moreira, “ A I e II Guerra Mundial foram Mundiais em efeitos, de origem Europeia”.

retirarem o controlo desse território ou no mínimo, de paralisarem a sua ação (...)” (Estado Maior do Exército, 1961, p. 8).

Neste sentido, a guerra subversiva traduz-se então, numa luta pelo controlo e influência entre um grupo de insurgentes e o poder político instituído. Isto ocorre quando a população, ou parte dela, recorre a meios violentos e não-violentos para provocar uma mudança na autoridade vigente (American Army, 2009). Geralmente, a insurgência manifesta-se através de atos de violência, quando o Estado é incapaz de satisfazer as necessidades da população. O insurgente começa por aliciar o resto da população a juntar-se a ele, recruta pessoas que partilhem os seus ideais até ter membros suficientes para lançar um ataque em grande escala contra o governo (American Army, 2014).

Como já foi referido anteriormente, a população utiliza a insurgência como um meio de demonstrar o seu desagrado face ao poder político, o domínio colonial e a desigualdade de tratamentos a nível económico e social são os principais responsáveis pelo aparecimento deste tipo de conflitos. Ainda assim, a guerra subversiva é um processo lento, que carece de determinados requisitos para que seja bem sucedida (Espírito Santo, 2014).

2.4. Guerra de Manobra (GM)

Como já foi referido no subcapítulo anterior, a resolução dos conflitos de baixa intensidade é feita através da combinação de vários instrumentos. (American Army, 2007). No que diz respeito ao instrumento militar, existem duas abordagens passíveis de serem usadas: *atriccionista* e *maneuverista*.

“O estilo atriccionista focaliza-se na destruição das forças do adversário, traduz-se em rácios de potencial relativo de combate e desumaniza a guerra a ponto de uma equação matemática. Procura traduzir a arte da guerra numa ciência e empregar um exército mais numeroso para vencer. (...) O estilo maneuverista procura as vulnerabilidades do adversário e explora-as com a finalidade de o paralisar(...)” (Barroso, 2007, p. 32).

Para clarificar a ideia de GM, é essencial que nos focalizemos nos seguintes aspetos:

1. Significado da palavra tática na GM;
2. Superfícies e Intervalos;
3. Ordens tipo missão.

A definição de tática, na GM é muito mais do que o emprego das forças em combate. É um processo que combina a técnica e a formação militar através de três pontos cruciais: - as ordens tipo-missão, as superfícies e intervalos e o “Schwerpunkt”- em que o objetivo consiste em criar uma abordagem única, própria para cada tipo de adversário, terreno e tempo (Lind, 1985).

As ordens tipo-missão indicam ao subordinado o que fazer e a razão de o fazer, mas permitem que este opte realizar a tarefa pelo método que considerar mais adequado à circunstância (Lind, 1985).

A referência às superfícies e intervalos é uma metáfora para os pontos fortes e fracos do inimigo. O objetivo é identificar quais são os seus intervalos (vulnerabilidades) e evitar, sempre que possível, a superfície (pontos fortes). Finalmente, “Schwerpunkt” representa o ponto sobre o qual maior parte do esforço está concentrado, é necessário quando não se dispõem de uma superioridade esmagadora e se pretende criar efeito no momento e local decisivos (Lind, 1985).

Existem situações em que, embora o adversário disponha de meios mais avançados, os princípios de guerra, caso sejam bem aplicados e em tempo oportuno, sobrepõem-se ao poder bélico, nomeadamente: a surpresa, a manobra e a liberdade de ação. É legítimo assim afirmar, que o fato de ser, inquestionavelmente, mais forte não garante vitória (Leonhard, 1991).

A GM instiga a vitória através da interrupção do ciclo de decisão do inimigo e da manobra, não pela destruição física. Esta abordagem assenta em três pressupostos fundamentais: a antecipação, a deslocalização e a desorganização (Leonhard, 1991).

A antecipação consiste em atacar o inimigo de forma rápida e inesperada, de forma a evitar que este consiga reagir a tempo de salvar-se da derrota. Se nós percebermos quais são as intenções do adversário antes que ele perceba as nossas, podemos então também ser os primeiros a fazer o movimento e atacar, antecipando assim qualquer ataque por parte do inimigo ou até mesmo a possibilidade de este reagir ao nosso ataque (Leonhard, 1991).

Entende-se por deslocalização como sendo uma forma de reduzir a força inimiga. Esta minimização da importância da força inimiga pode ser feita através de duas formas: a deslocalização posicional ou operacional (Leonhard, 1991).

A deslocalização posicional obriga o inimigo a movimentar-se, impedindo-o assim de escolher o local de combate. A deslocalização operacional visa usar novas tecnologias ou táticas, ou até mesmo, a combinação destes dois fatores/meios, com o intuito de surpreender o inimigo. Por último, a desorganização, resume-se à derrota do inimigo por ataque ao seu centro de gravidade, este centro representa as características, capacidades ou localizações, sem as quais a sua liberdade de ação fica condicionada (Leonhard, 1991).

Em síntese, a GM procura:

“a quebra moral e física do inimigo através da sua paralisia como sistema, causando-lhe confusão, evitando os seus pontos fortes, através de ações agressivas, explorando as suas vulnerabilidades e batendo-lhe onde é mais oneroso” (United States Marine Corps, 1998, p. 98).”

Capítulo III

I Guerra da Indochina

3.1. Introdução

A I Guerra da Indochina foi um conflito armado, que ocorreu durante meados do século XX, nos territórios do Vietname, Laos e Camboja. Este conflito opôs o Corpo Expedicionário Francês (CEF) ao movimento de libertação nacional *Viet Minh*, que reclamava pelo direito do povo Vietnamita à emancipação da potência colonizadora – República Francesa – e à soberania nacional (Magnoli, 2011).

Este conflito começou em 1945, quando a França regressou à Indochina depois do final da II Guerra Mundial. O seu terminus deu-se em 1954, quando as forças lideradas por Vo Nguyen Giap derrotaram o CEF em *Dien Bien Phu* (Messenger, 2001).

Entre 1945 e 1946, realizaram-se negociações entre a França e o Vietname, na tentativa de chegarem a um acordo. O acordo não foi alcançado devido a um incidente que ocorreu em *Haiphong* (Magnoli, 2011).

A 20 de novembro de 1946, oficiais da marinha Francesa tentaram tomar um petroleiro Vietnamita no porto de *Haiphong*. Este ataque ao petroleiro despoletou um confronto entre forças francesas e forças vietnamitas, que culminou com um bombardeamento à cidade de *Haiphong*. Este bombardeamento destruiu grande parte da cidade e vitimou mais de 6 000 Vietnamitas (Leonard, 2006).

Em retaliação as forças *Viet Minh* realizaram um ataque aos postos de controlo franceses na região de Hanoi, ao longo do Delta do Rio Vermelho, iniciando-se assim a I Guerra da Indochina (Leonard, 2006).

3.2. Do Corpo Expedicionário Francês

Neste subcapítulo pretende-se apresentar a estratégia que os Franceses adotaram para combater o movimento de libertação *Viet Minh*. Iremos também apresentar a forma como os franceses se organizaram para combate, o efetivo que foi empregue na I Guerra da Indochina, bem como o equipamento que estes utilizaram durante o conflito.

3.2.1. Estratégia Francesa

O plano delineado pela França, para combater as forças de guerrilha *Viet Minh*, assentava sob uma série de posições defensivas, localizadas nas principais cidades e vilas, que tinham como objetivo controlar a rede estradal e evitar que as forças de guerrilha alcançassem Hanói (Thompson, 1983).

O plano contemplava ainda um conjunto de operações ofensivas a norte de Hanói, com enfoque na captura do líder dos *Viet Minh* e na destruição da base logística das forças de guerrilha. A França entendia que se as linhas logísticas do adversário fossem drasticamente atacadas, estes não teriam capacidade para continuar a combater (Thompson, 1983).

Para atingir estes objetivos, a França empregou táticas de combate de contra guerrilha, através da aplicação de uma força especial – *Groupement Comandos Mixtes Aéroportés* (GCMA) (Tucker, 2011).

O GCMA era uma força similar aos U.S. *Special Forces*, constituída para realizar missões de recolha de informações, treinar e equipar os indígenas Vietnamitas e comandá-los em ações de contra-guerrilha. O GCMA operava em todo o território da Indochina, a fim de estreitar o contacto com o inimigo. Estes realizavam emboscadas às forças de guerrilha, atacavam linhas de abastecimentos adversárias e funcionavam como elementos de ligação entre as posições defensivas (Tucker, 2011).

3.2.2. Efetivo, Organização, Armamento e Equipamento

Em 1947, o efetivo do CEF era de 115 000 homens, todavia revelou-se insuficiente para controlar o território Vietnamita e evitar a continuidade dos ataques da guerrilha. Entre 1951 e 1954, aumentou para 175 000 homens, dos quais 54 000 eram franceses, 18 000 oriundos das colónias francesas do leste Africano, 30 000 do Norte de África, 20 000 da Legião Estrangeira. O CEF contava ainda com mais de 70 000 Vietnamitas sob o comando do Exército Francês (Windrow, 1998).

Não obstante, o efetivo acima apresentado compreende apenas as forças terrestres, o CEF foi ainda reforçado com mais 5 000 homens da Marinha, 10 000 da Força Aérea, o

que perfaz um total de 189 000 homens mobilizados para combater o movimento de independência do *Viet Minh* (Windrow, 1998).

O Exército francês, articulou-se para combate com unidades de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Forças de Apoio, contando ainda com o apoio de meios navais e aéreos (Tucker, 2011).

No que toca às unidades de Infantaria, estas foram equipadas, com a espingarda manual MAS 36 (*vide* Ilustração 1) , espingarda semiautomática MAS 49 (*vide* Ilustração 2) e as carabinas M-1 e M-2 (Tucker, 2011).

A espingarda manual MAS 36 7,5mm, (carregador com capacidade para 5 munições), era a arma que equipava a Infantaria, no início do conflito, em 1946, foi substituída pela espingarda semiautomática MAS 49, devido às exigências do combate na selva, em que era necessário um grande volume de fogos (capacidade do carregador entre 20-32 munições) (Tucker, 2011).



Ilustração 2: A Espingarda MAS 49

Fonte: (<http://www.redditweekly.com>)



Ilustração 1: A Espingarda MAS 36

Fonte: (<http://candrsenal.com/rifle-french-modele-1936-mas-36/>)

Além da espingarda automática MAS 49, a Infantaria tinha ainda à sua disposição as carabinas M-1 (*vide* Ilustração 4) e M-2 (*vide* Ilustração 3), que haviam sido distribuídas pelo Exército norte americano. Estas carabina tornaram-se extremamente populares porque os carregadores tinham capacidade entre as 20-30 munições, permitindo uma elevada cadência de fogo, satisfazendo as necessidades do combate na selva. Além da elevada cadência de tiro, eram armas precisas e extremamente leves, o peso das carabinas M-1 e M-2 rondava os 2,358Kg e a MAS 49 os 3,686 Kg (Tucker, 2011).



Ilustração 3: A Carabina M-2

Fonte: (<http://armasonline.org/armas-on-line/os-fuzis-e-carabinas-na-i-e-ii-grandes-guerras/>)



Ilustração 4: A Carabina M-1

Fonte: (<http://www.tienda-medieval.com/blog/pistolas-armas-siglo-xx.html>)

O armamento coletivo utilizado pelo CEF foram as metralhadoras ligeiras *Mitrailleuse 7,5mm* de origem Francesa e a *Bren Gun MK1* (vide Ilustração 6) de origem Inglesa, que eram fundamentais para realizar fogos de proteção às unidades de baixo escalão. O CEF tinha ainda à sua disposição a metralhadora pesada *Browning* (vide Ilustração 5), que era utilizada em postos de controlo ou então montada em viaturas (Tucker, 2011)



Ilustração 6: A Metralhadora Pesada *Browning*

Fonte: (<http://www.escala1sexto.com>)



Ilustração 5: A Metralhadora Ligeira *Bren Gun MK1*

Fonte: (<http://www.tienda-medieval.com/blog/pistolas-armas-siglo-xx.html>)

No entanto o CEF recorreu a outros meios para combater a guerrilha *Viet Minh*, utilizou o Carro de Combate (CC), M-26 *Chaffee* (vide Ilustração 7) de origem Americana, morteiros 81 mm e obuses de 105 e 155mm cedidos pelos EUA (Tucker, 2011).



Ilustração 7: O Carro de Combate M-26 Chaffee

Fonte: (<https://en.wikipedia.org/wiki/Tanks>)

3.3. Do Movimento de Libertação *Viet Minh*

Neste subcapítulo pretende-se apresentar a estratégia que os *Viet Minh* adotaram para combater o CEF. Iremos também apresentar a forma como os *Viet Minh* se organizaram para combate, bem como o equipamento que estes utilizaram durante o conflito.

3.3.1. Estratégia *Viet Minh*

Durante a guerra contra a França, a estratégia utilizada pelos vietnamitas baseou-se em teorias idealizadas por Mao Tse Tung, durante a Guerra Civil Chinesa. A estratégia de Mao Tse Tung, adotada por Giap⁸, compreendia três fases distintas (Thompson, 1983).

Conforme podemos visualizar na Ilustração 8, na primeira fase da guerra, Giap estabeleceu bases seguras no interior do território da Indochina, a fim de constituir uma força de guerrilha (Silva, 2005). Estas bases serviam como locais para instruir elementos da guerrilha, para as forças de guerrilha descansarem e se reabastecerem bem como para planearem ações contra o CEF (Thompson, 1983).

⁸ General Comandante das Forças *Viet Minh*.

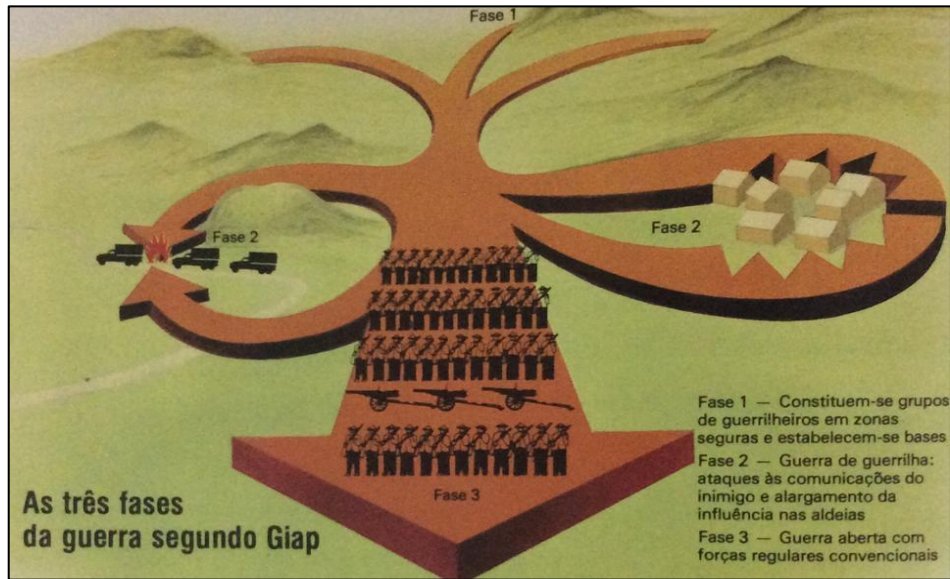


Ilustração 8: A Estratégia de Giap

Fonte: (Thompson, 1983, p. 68)

Na segunda fase, inicia-se a guerra de guerrilha, em que as forças de subversão começam atacar as linhas de comunicação inimigas. O objetivo da guerra de guerrilha é desgastar o inimigo. Nesta fase, as forças de guerrilha procuram ainda ganhar influência junto das populações. A ideia que tentam transmitir à população é que o CEF já não tem capacidade de lhes garantir segurança, e uma forma de conseguirem estabelecer esse *status*, é juntando-se às forças de Guerrilha (Silva, 2005).

A última fase compreende uma guerra aberta, com forças convencionais que vão sendo criadas durante o conflito (Silva, 2005).

A estratégia de Giap utilizava a guerrilha como principal meio de desgastar o adversário, em que a atuação destas se resumia à seguinte dicotomia: “o inimigo avança, nós retiramos; o inimigo acampa, nós hostilizamos; o inimigo cansa-se, nós atacamos; o inimigo retira, nós perseguimos” (Espírito Santo, 2014, p. 238). Esta maneira de atuar que foi empregue por Giap durante a I Guerra da Indochina permitiu-lhe manter a iniciativa sempre do seu lado e assegurou-lhe a liberdade de ação que precisava para movimentar as forças de guerrilha.

Os métodos preferenciais da guerrilha de Giap para desgastar o inimigo eram as emboscada às colunas de abastecimentos, e os ataques frontais contra as posições defensivas inimigas (Thompson, 1983).

A guerrilha *Viet Minh* montava emboscadas em itinerários que os Franceses utilizam sistematicamente para reabastecer as posições defensivas. A rotina que Franceses criaram permitiu ao inimigo saber o momento e o local em que deveriam atacar (Thompson, 1983).

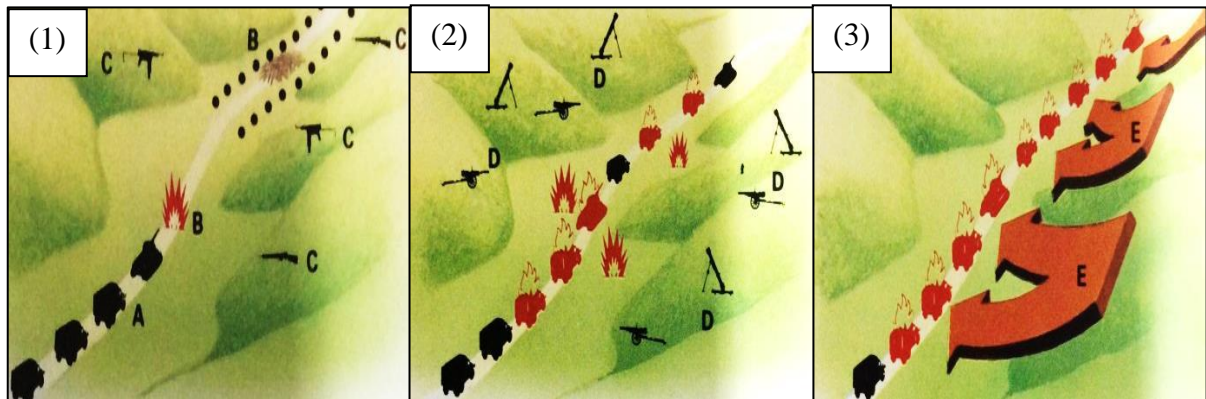


Ilustração 9: As Fases da Emboscada Viet Minh

Fonte: (Thompson, 1983, p. 69)

Legenda da Ilustração 9

A – Coluna de Abastecimentos Francesa
B – Minas Anti-Carro

C – Viet Minh com Armas Ligeiras
D – Morteiros e Peças de Artilharia

E – Assalto às viaturas

Os *Viet Minh* colocavam nas bermas dos itinerários minas (*vide* Ilustração 9 – (1)), que à passagem das viaturas explodiam. Após a explosão, a viatura que era atingida pelos efeitos da mina ficava danificada, obrigando a coluna a parar. Seguiu-se um conjunto de fogos indiretos de morteiros e artilharia (*vide* Ilustração 9 – (2)), para destruir as viaturas que não tivessem sido atingidas pelas minas. Por último era lançado um assalto (*vide* Ilustração 9 – (3)) sob as viaturas para capturar material, que ainda se encontrasse em boas condições (Windrow, 1998).

No que diz respeito, ao ataque às posições defensivas, a tática preferida de Giap consistia em enviar pequenos grupos suicidas para romper a defesa inimiga, em que atrás destes grupos seguiam sucessivas vagas de soldados de Infantaria (Thompson, 1983).

Se por um lado, as emboscadas tinham sucesso, este método aplicado contra as posições defensivas, não tinha grande sucesso, devido ao facto dos meios que os franceses tinham à sua disposição (Thompson, 1983).

3.3.2. Efetivo, Organização, Armamento e Equipamento

A força *Viet Minh* era composta por milícias de aldeia, tropas regionais e por uma força regular denominada como *Chuc Luc*.

As milícias de aldeia⁹ eram a organização mais elementar dos *Viet Minh*, formada por elementos da população, com fraca capacidade para combate. A missão desta força baseava-se em auxiliar outras forças na preparação de posições defensivas, recolher informações ou agir como trabalhadores. Em 1954, estima-se que haviam mais 35 000 membros destas milícias (Windrow, 1998).

Por sua vez, as tropas regionais eram uma espécie de guarda territorial, que tinham sob a sua responsabilidade uma parte do terreno, na qual organizavam ações de guerrilha contra postos de controlo franceses presentes na sua área de operações. A sua principal missão era dispersar os franceses por todo o território Vietnamita em resposta aos ataques da guerrilha com a finalidade de criar dispersão no CEF. Por volta de 1954, estima-se que o número de homens pertencentes a esta força rondava os 75 000 (Windrow, 1998).

O *Chuc Luc* era um Exército convencional destinado a combater e derrotar as forças francesas. A organização deste Exército baseava-se em princípios adotados por exércitos europeus, em que uma divisão¹⁰ era composta por três regimentos de Infantaria equipados com morteiros pesados, armas antiaéreas e metralhadoras, que haviam sido fornecidas pela China e Rússia. No ano de 1950, o *Chuc Luc* era composto por cinco divisões completas: 304^a, 308^a, 312^a, 316^a e a 320^a (Windrow, 1998).

⁹Surgem na sequência de um decreto por Ho Chi Minh, em que este ordenou a mobilização de todos os homens e mulheres entre os 18 – 45 anos, com o intento de criar este braço armado (Thompson, 1983).

¹⁰ Vide Anexo A – A Organização de uma Divisão Viet Minh.

3.4. Da Derrota em Hanói à Vitória em Dien Bien Phu

3.4.1. A Batalha de Hanói

Como já referimos anteriormente, o início da I Guerra da Indochina dá-se quando as forças *Viet Minh* lançam uma ofensiva sobre Hanói. A finalidade desta operação era recuperar o controlo da capital vietnamita. Porém, Giap não conseguiu atingir o seu objetivo, visto que os *Viet Minh* ainda não tinham meios nem efetivo suficiente para enfrentar o CEF que se encontrava amplamente equipado para combate (Tucker, 2011).

Devido ao desfecho do confronto na capital Vietnamita, Giap retira as forças, concentrando-as em bases seguras no interior das montanhas de *Vietbace*. Estes locais que conferiam-lhe proteção contra atividades de reconhecimento do CEF e a segurança necessária ao estabelecimento de centros de recrutamento para constituir uma força de guerrilha (Tucker, 2011).

Ente 1946 e 1950, a principal preocupação de Giap prendia-se com a criação de um exército capaz de derrotar o CEF. No entanto, durante o período anteriormente referido, as forças de guerrilha conduziram ataques contra pequenas guarnições francesas, procurando desgastar o inimigo (Leonard, 2006).

Em fevereiro de 1950, Giap lançou um ataque sobre o posto avançado de defesa em *Lao Ka*, alcançado a vitória e, conseqüentemente, o controlo daquela região. Esta ofensiva levada a cabo por Giap representa uma mudança na atuação das forças vietnamitas. Se anteriormente a guerra se baseava em operações levadas a cabo por forças de guerrilha, a partir deste momento a guerra passa a ter um cariz convencional (Windrow, 1998).

Após o ataque a *Lao Ka* em fevereiro de 1950, o Gen. Giap, comandante (Cmndt) da força *Viet Minh* lança uma série de ofensivas (*vide* Ilustração 10) sobre outras posições defensivas francesas, na região de *Tonquim*, a fim de cortar os reabastecimentos franceses provenientes do delta do rio Vermelho - *Cao Bang, Dong Khe, Thai Khe, Long Son* - isolando Hanói (Thompson, 1983).

No final desta vaga de ofensivas, as regiões acima referidas ficaram sobre o controlo dos *Viet Minh*. Em 1950, Giap já tinha sob o seu controlo o norte do Vietname e as linhas de abastecimento vindas da China.

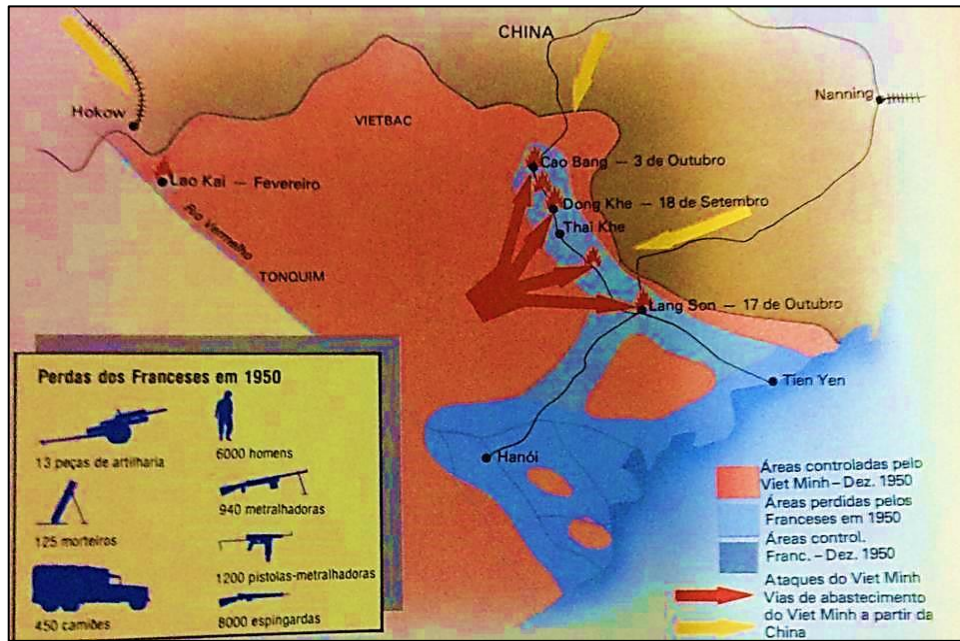


Ilustração 10: As Ofensivas Viet Minh em 1950

Fonte: (Thompson, 1983, p. 63)

Após o ataque a *Lao Ka* em fevereiro de 1950, o Gen. Giap, Comandante(Cmdt) da força *Viet Minh* lança uma série de ofensivas (*vide* Ilustração 11) sobre outras posições defensivas francesas, na região de *Tonquim*, a fim de cortar os reabastecimentos franceses provenientes do delta do Rio Vermelho - *Cao Bang*, *Dong Khe*, *Thai Khe*, *Long Son* - isolando Hanoi (Thompson, 1983).

No final desta vaga de ofensivas, as regiões acima referidas ficaram sobre o controlo dos *Viet Minh*. Em 1950, Giap já tinha sob o seu controlo o norte do Vietname e as linhas de abastecimento vindas da China.

As sucessivas derrotas do CEF originaram uma reorganização das defesas, em volta do Delta do Rio Vermelho. A criação da Linha de *Latre* e a formação de uma reserva móvel constituída por paraquedistas e grupos móveis de Infantaria Mecanizada, como reforço disponível caso houvesse algum ataque *Viet Minh*, foram as soluções implementadas pelo CEF em face às consecutivas vitórias alcançados por Giap (Tucker, 2011).

Com o moral¹¹ do CEF abalado e com as vias de abastecimento a partir da China asseguradas, as operações da guerrilha a norte do território poderiam agora incidir com maior foco sob a defesa francesa no Delta do rio Vermelho, a fim de alcançar a capital do Vietname – Hanói.

Deste modo, Giap tentou por três vezes romper a defesa Francesa, sem que tenha tido sucesso. Este insucesso deveu-se à nova reorganização que a defesa tinha sofrido e a implementação da reserva móvel.

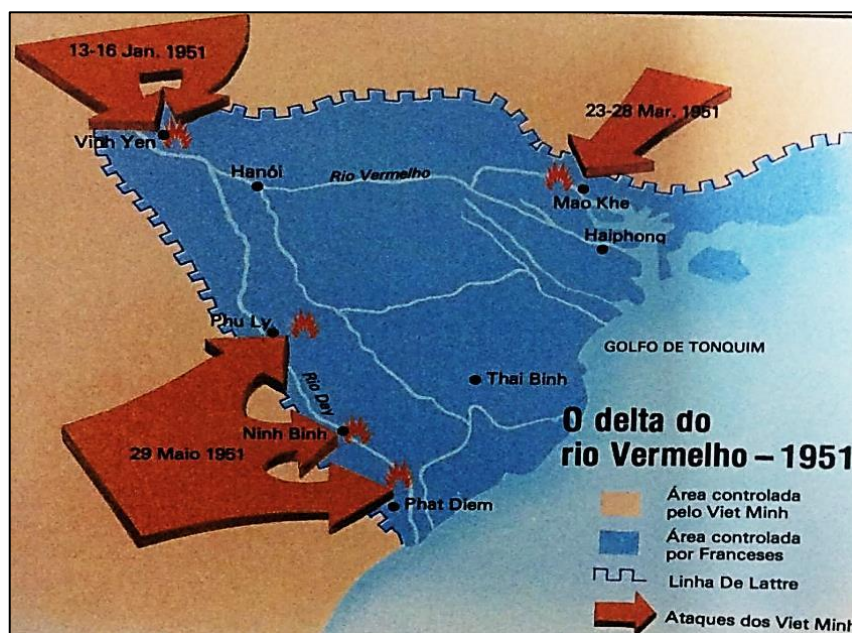


Ilustração 11: A Batalha de Hanói.

Fonte: A Guerra no Mundo, Verbo, 1983, p. 71.

Em 1951, as forças de Giap foram completamente derrotadas em *Vinh Yen* (janeiro de 1951), *Mao Khe* (março de 1951) e *Phat Diem* (maio de 1951), por uma combinação de medidas de defensivas francesas que haviam sido implementadas durante o estabelecimento da linha de *Lattre* (i.e. minas anti-pessoal e arame farpado colocado à frente das posições) e de armamento superior (Windrow, 1998).

¹¹ Aptidão para levar os soldados a combater. Envolve quatro elementos principais: a motivação, uma liderança eficaz, o bem-estar e uma gestão eficaz dos recursos disponíveis. (Exército Português, 2012)

Estas vitórias alcançadas pelo CEF fizeram com que estes recuperassem a iniciativa, pelo que lançam uma ofensiva contra regiões controladas pelos *Viet Minh* – Operação Lorraine. Em 1952, a Operação *Lorraine* tinha como objetivo atacar as regiões de *Phu Doan*, *Yen Bay* e *Tuyen Quang*, uma vez que eram nessas regiões que estavam localizados os depósitos de provisões dos *Viet Minh* (Thompson, 1983).

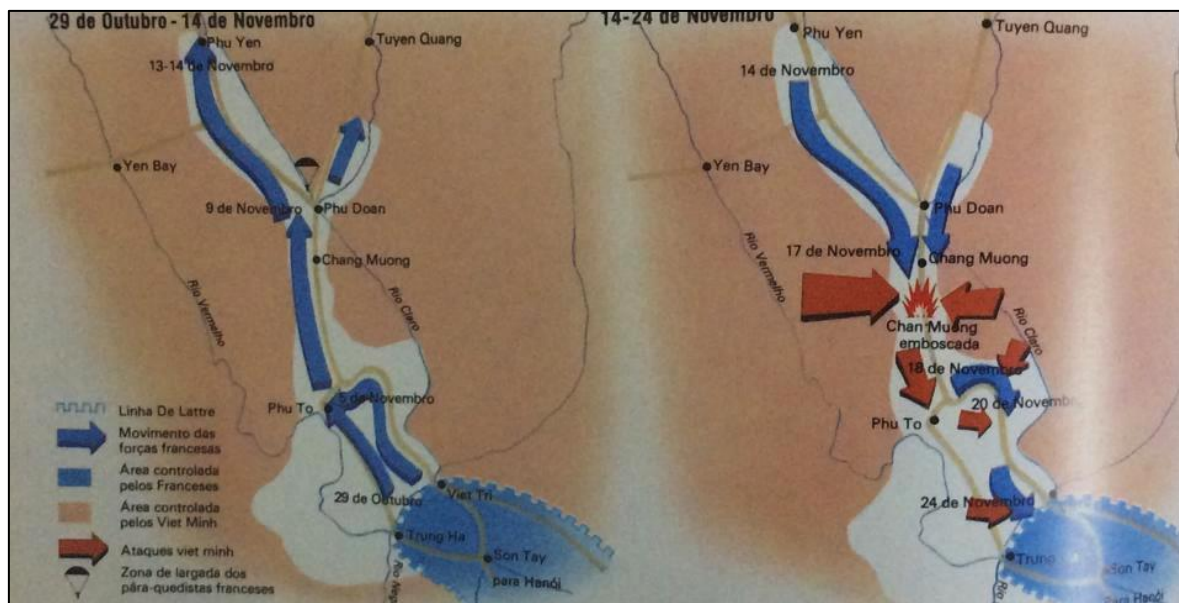


Ilustração 12: A Operação Lorraine.

Fonte: A Guerra no Mundo, Verbo, 1983, p. 72.

A força francesa foi dividida em duas componentes (*vide* Ilustração 12), como se pode ver na Ilustração 12, uma em *Trung Ha* a noroeste de *Son Tay*, e a outra em *Viet Tri* a nordeste de *Son Tray*. Ambas começaram avançar, contando encontrar-se em *Phu To*, a 32 Km a norte da defesa estabelecida no Delta Rio Vermelho. A ausência de forças *Viet Minh* aumentou a confiança dos franceses e levou-os a continuar avançar ainda mais para o interior dos territórios controlados por Giap (Windrow, 1998).

Os franceses tinham penetrado no território dos *Viet Minh* e capturado provisões valiosas para os *Viet Minh*, no entanto a larga extensão de terreno conquistado terá sido o motivo de insucesso desta ofensiva francesa. À medida que os franceses iam conquistando terreno, colocavam no terreno posições defensivas para fazer face a eventuais ataques da

guerrilha. Porém o CEF não tinha efetivo suficiente para guarnecer essas posições devidamente, tornando-as um objetivo vulnerável. (Thompson, 1983).

Outro problema que surgiu desde de logo, foi o número de emboscadas que os *Viet Minh* lançavam sobre as colunas de reabastecimentos para as guarnições avançadas. As colunas por estrada e pelo rio davam origem a muitas baixas, pelo que os franceses se viram obrigados a retirar, para procurarem refúgio no Delta rio Vermelho. Mais uma vez as operações francesas não foram bem sucedidas (Tucker, 2011).

3.4.2. A Batalha de Dien Bien Phu

Após seis anos de guerra de guerrilhas à qual estavam pouco habituados, sem linhas de combate definidas e submetidos a ataques de inimigos invisíveis, os franceses queriam atrair as forças *Viet Minh* a uma batalha convencional, onde a sua esmagadora superioridade militar faria pender a balança a seu favor (Messenger, 2001).

O local escolhido foi *Dien Bien Phu*, uma bacia a 300 Km de Hanoi, no nordeste da Indochina Francesa (*vide* Ilustração 12). *Dien Bien Phu* era uma região fundamental para os *Viet Minh*, porque era nela que a guerrilha repousava e se abastecia, através das rotas provenientes do Laos e China (Thompson, 1983).



Ilustração 13: O Mapa do Vietname

Fonte: (<http://www.sapapanoramahotel.com/userfiles/image/Northwest-Map.jpg>)

A ocupação de *Dien Bien Phu*, por parte do CEF ocorreu durante o dia 20 e 22 de novembro de 1953, através de uma operação militar denominada como Castor. Nesta operação foram lançados sobre *Dien Bien Phu* 4 000 paraquedistas, para destruir uma pequena guarnição *Viet Minh*, que detinha o controlo daquela posição (Windrow, 1998).

Contudo a posição francesa tinha graves problemas. Era inacessível por terra, o que provocava que todos os abastecimentos se realizassem por via aérea. Este inconveniente tinha um lado positivo: o difícil acesso a *Dien Bien Phu*, impedia que os *Viet Minh* conseguissem posicionar a sua artilharia e utiliza-la contra a posição defensiva francesa (Roy, 1965).

Na verdade, os franceses subestimaram a capacidade logística *Viet Minh*. Giap soube aproveitar as vantagens da má decisão francesa e posicionou nas contra-encostas das elevações que circundavam *Dien Bien Phu* homens, peças de artilharia e abastecimentos necessários para a batalha (Roy, 1965).

O Gen. vietnamita concentrou 5 divisões *Viet Minh*, desdobrou mais de 200 peças de artilharia, em que o transporte destas foi feito através de carros improvisados a partir de bicicletas. Foram colocadas ainda no local armas anti-áreas, com a finalidade de abater as aeronaves francesas que executavam o abastecimento das forças acantonadas em *Dien Bien Phu* (Roy, 1965).

A 13 março de 1954, dá-se o início da Batalha de *Dien Bien Phu*, aquando o Gen. Giap lança sobre as posições francesas (*vide* Ilustração 13), um intenso bombardeamento, recorrendo a 20/30 obuses de 105mm, 15/20 obuses de 75mm, 20 morteiros 120mm e pelo menos 40 morteiros 82mm, contra 4 obuses de 155mm, 24 obuses de 105mm e 4 morteiros de 120 mm pertencentes ao CEF (Tucker, 2011).

No início da Batalha, o CEF, contava com cerca de 3 000 soldados franceses, reforçados com 13 000 soldados de origem vietnamita e africana, contra a guerrilha de Giap, que empenhou neste confronto, 33 batalhões, num total de 100 mil homens empenhados no cerco e assalto à posição (Thompson, 1983).

Devido aos intensos bombardeamento, as fortificações Francesas de *Beatrice* e *Gabrielle* ficaram completamente destruídas, a fortificação de *Anne-Marie* acabou por ser destruída mais tarde, resultando numa brecha (*vide* Ilustração 13 – (1)) para a entrada das forças *Viet Minh* na defesa francesa (Thompson, 1983).

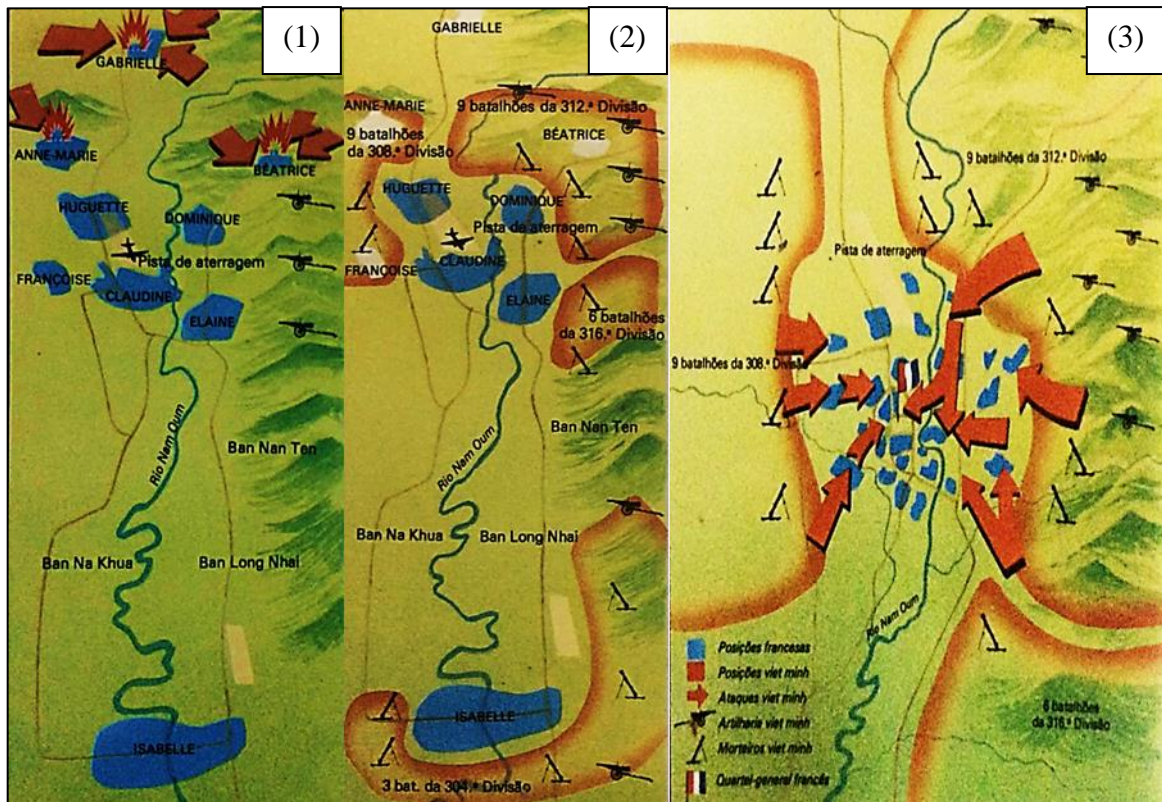


Ilustração 14: A Batalha de Dien Bien Phu

Fonte: (Thompson, 1983, p. 71)

O CEF ainda tentou contra-atacar, mas o grande número de baixas decorrentes do combate e à elevada perda de aeronaves deixaram de receber abastecimentos (Thompson, 1983).

O fim da Batalha de *Dien Bien Phu* acontece na manhã de 14 de março, com a rendição do CEF. Nesta batalha, a França perdeu cerca de 20 000 homens, dos quais 2 242 foram mortos, 3 711 foram dados como desaparecidos, 6 463 feridos e 6 500 foram feitos prisioneiros de guerra. O Exército de Giap perdeu 22 900 homens, dos quais 7 900 foram mortos e 15 000 feridos (Windrow, 1998).

3.4.3. Dos Fatores que Determinaram a Derrota Francesa

O principal motivo pelo qual a França perdeu este conflito está relacionado com a falta de métodos e táticas de combate de guerrilha. A técnica utilizada pela França, que

consistia na ocupação de localidades-chave, foi o primeiro grande erro a ser cometido pelo CEF. Através desta estratégia, a França concedeu a Giap o tempo e espaço que precisava para constituir um exército capaz de derrotar o CEF (Windrow, 1998).

Desde do início do conflito, a iniciativa esteve sempre do lado dos Viet Minh. As defesas estáticas colocadas nas principais cidades Vietnamitas, atraíam o ataque, e embora tal facto tivesse conduzido ocasionalmente à vitória (Batalha de Hanói), não deixava de desgastar os recursos e os homens Franceses (Windrow, 1998).

Do mesmo modo, os grupos móveis nunca foram suficientes para fazer face aos ataques *Viet Minh*. As táticas utilizadas por estes grupos mostraram-se completamente inadequadas, dado que a sua mobilidade dependia da utilização de viaturas, em que este se cingiam às estradas, expondo-se assim ao desgaste das emboscadas inimigas (Windrow, 1998).

Quando o CEF, se lança na ofensiva de *Lorraine*, na tentativa de recuperar a iniciativa, obtêm inicialmente resultados positivos. No entanto, o insucesso estaria para vir, quando estes começaram a tentar controlar terreno demasiado extenso para o efetivo e meios que tinham à disposição. As regiões que conseguiram conquistar através desta ofensiva estiveram sob o controlo do CEF, durante muito pouco tempo, porque Giap ordenou que fossem montadas um série de emboscadas ao longo dos itinerários de abastecimento destas regiões. As baixas resultantes destas emboscadas levadas a cabo pelos Viet Minh, fizeram com que eles se retirassem para o Delta do Rio Vermelho (Tucker, 2011).

A guerra seria decidida em *Dien Bien Phu*. Por considerarem a região um ponto estratégico da guerrilha, os franceses acreditavam que ao invadi-lo obrigavam Giap a entrar num confronto direto, possibilitando ao CEF derrotar os *Viet Minh* de uma vez por todas. Porém, os franceses cometeram pelo menos dois erros ao escolherem *Dien Bien Phu*:

- Desconsideraram os aspetos do terreno;
- Subestimaram a capacidade dos Viet Minh (Roy, 1965).

No que toca aos aspetos do terreno, *Dien Bien Phu* tratava-se de um vale, rodeado de montanhas e localizado junto ao rio *Nam Oum*. Pelo facto de a posição francesa estar confinada a um vale, esta permite que o inimigo tenha sobre a sua posição observação e campos de tiro. Por estar junto a um rio, era uma zona que tinha constantemente neblinas,

que permitiam aos *Viet Minh*, proteção das vistas francesas. Este aspeto permitiu a construção de posições de tiro para peças de artilharia na contra-encosta das montanhas, o transporte das peças de artilharia desmontadas em carros improvisados a partir de bicicletas velhas, possibilitando a Giap a colocação dos homens no terreno, e de mais 200 peças de artilharia sem que o inimigo detetasse (Roy, 1965).

3.5. Síntese Conclusiva

Deste capítulo é importante que se retenham os seguintes aspetos:

- A estratégia utilizada por Giap, baseada na guerra de guerrilha, concedeu-lhe tempo e espaço necessário para esbater a assimetria que existia entre o CEF e as forças *Viet Minh*;
- O papel fulcral que a guerrilha desempenhou ao longo deste conflito. A guerrilha foi a principal responsável pelo desgaste do CEF ao longo do tempo, pela recolha de informações que tornou possível estudar as rotinas francesas com a finalidade de atacar as colunas de abastecimentos francesas;
- Depois da análise deste conflito, é possível afirmar-se que Giap utilizou o conceito de GM. Este evitou os pontos fortes inimigos, que eram o efetivo numeroso, os meios que tinham à sua disposição e recorreu à guerra de guerrilha para atacar os seus pontos fracos, que eram as colunas de abastecimentos;
- O facto de o conflito se ter desenrolado em território conhecido pelos *Viet Minh* permitiu a estes uma vantagem clara. No caso da Batalha de *Dien Bien Phu*, o CEF escolheu aquele lugar porque pensou que era impossível colocar peças de artilharia naquela região. Esta conclusão foi reflexo de um mau estudo do terreno. O conhecimento que os *Viet Minh* tinham do terreno possibilitou-lhe colocar as peças de artilharia, nas elevações que circundavam *Dien Bien Phu*.

Capítulo IV

II Guerra do Indochina

4.1. Introdução

A 1ª Guerra da Indochina terminou em 1954 com a assinatura dos Acordo de Genebra. Neste acordo, ficou estabelecido que a França teria que abandonar a Indochina e que o Vietname seria dividido pelo paralelo 17 (originando o Vietname do Norte e o Vietname do Sul), ficando acordado que em 1956 se realizariam eleições para unificar o país (Mangoli, 2006).

Se o propósito da I Guerra da Indochina foi a independência do Colonialismo Francês, a 2ª Guerra da Indochina será a luta pelo poder, entre o líder comunista do Vietname do Norte Ho Chi Minh, e o Ngo Dinh Diem anti-comunista, líder do Vietname do Sul (Beckett, 1983).

Após o acordo de Genebra, em 1954, o Viet Minh e o seu Exército de guerrilheiros, formaram a República Democrática do Vietname, assumindo o poder daquela região, sem realizar qualquer eleição ou referendo. O objetivo do Politburo Vietnamita era a unificação com o Vietname do Sul, em que Ho Chi Minh e todos os seus apoiantes consideravam que qualquer oposição a este objetivo era visto como um ato de traição. Ao contrário do que aconteceu no Vietname do Norte, a sul do paralelo 17, em 1955, realizou-se um referendo, em que 90% da população votou a favor do Vietname do Sul se tornar um Estado Soberano e independente, formando-se assim a República do Vietname, com o apoio dos EUA (Thompson, 1983).

Ao contrário das expectativas do Politburo de Hanoi, Diem conseguiu criar no sul, um Estado relativamente pacífico e próspero no sul, graças à ajuda económica e aos conselheiros militares americanos. Porém, este clima de paz acabou em 1956, ano em que se deveriam realizar as eleições, como estabelecido nos acordos de Genebra. Diem recusa a realização das eleições, alegando que estas a norte do paralelo 17 não decorreriam de forma livre, mas a verdadeira preocupação de Diem era que o comunismo pudesse vencer nas eleições (Heering, 2010).

Desta forma, Diem inicia uma campanha anti-comunista, na tentativa de manter o poder, mas este plano acaba por ter efeitos contrários aos desejados. Em 1959, Diem

intensificou o combate ao comunismo, através de implementação de um programa designado como *Agroville*. A intenção deste programa era transportar os camponeses para áreas onde o Exército pudesse protegê-los do terrorismo e da propaganda da guerrilha *Vietcong*. Porém, os camponeses mostravam-se insatisfeitos por terem de largar os seus bens em prol da vontade do seu líder (Heering, 2010).

O Líder do Vietname do Norte, Ho Chi Minh, em 1959, autoriza que os comunistas presentes no sul comecem a recorrer à violência para se defenderem à opressão causada por Diem. O resultado foi um aumento exponencial na violência, os insurgentes passaram de táticas de rápida fustigação para operações militares em grande escala, contra aldeias controladas pelo governo e unidades do Exército Sul-Vietnamita. As atividades dos insurgentes entre 1959 e 1964 aumentou de modo alarmante, em que os EUA se viram confrontados com duas opções: o colapso total da política americana no Vietname, ou o empenhamento de militares americanos no combate à insurgência. Os EUA para se afirmarem enquanto potência mundial, decidem invadir o Vietname do Norte (Heering, 2010).

Em fevereiro de 1965, aviões norte americanos e sul-vietnamitas bombardeiam pela primeira vez o Vietname do Norte, iniciando-se assim a Guerra do Vietname (Beckett, 1983).

4.2. Do Exército Americano

Neste subcapítulo pretende-se apresentar a estratégia que os Americanos adotaram para combater os VC e Exército República Democrática do Vietname (ERDV). Iremos também apresentar a forma como os Americanos se organizaram para combate, o efetivo que foi empregue na II Guerra da Indochina, bem como o equipamento que estes utilizaram durante o conflito.

4.2.1. A Estratégia dos EUA

O Exército norte americano foi empenhado no Vietname com o propósito de estabelecer um ambiente seguro para que o governo do Vietname do Sul se tornasse independente, estável e que o processo eleitoral decorresse de forma livre, sem os ataques

dos Viet Cong (VC). Assim sendo, a missão do Exército Americano era conduzir combates agressivos contra as forças do Exército do Povo do Norte Vietname (EPNV) e de guerrilha, com enfoque na destruição do inimigo através do poder do fogo e da manobra, pretendendo ainda interromper a sua base logística (Willbanks, 2013).

A abordagem utilizada pelos EUA para combater os VC baseou-se numa estratégia militar de atrição. A abordagem “atriccionista” tem duas vantagens:

- O esforço traduz-se na procura e na luta do inimigo para o destruír;
- À primeira vista parece ser a maneira mais rápida de acabar com as hostilidades (Willbanks, 2013).

O objetivo desta abordagem era convencer os VC e o EPNV, a conduzirem uma guerra de média intensidade. Uma vez que os EUA poderiam destruir os seus adversários, a uma velocidade mais rápida do que a República Democrática do Vietname (RDV) aguentaria, ou teria capacidade para restituir as perdas em combate. No entanto, esta abordagem, quando foi aplicada, apresentou dois inconvenientes.

Em primeiro lugar, esta abordagem não criou empatia com o povo Vietnamita, devido às baixas que causava. A hostilidade do povo Vietnamita em relação às forças americanas aumentava à medida que guerra se ia desenrolando, fazendo com que a população aderisse às forças armadas para combater o adversário. De acordo com estatísticas feitas, sobre os efetivos empregues na guerra, o Vietname do Norte teve perto de 13 milhões de pessoas disponíveis para combater os EUA (Tucker, 2011).

Em segundo lugar, esta abordagem tentou transformar o que era desde de início um guerra não-convencional, numa guerra convencional. Durante a Guerra do Vietname, houve momentos em que se travaram batalhas convencionais, porém sempre que os Norte Vietnamitas saíam derrotados, rapidamente voltavam a recorrer à guerra irregular, empregando táticas do bate e fuge, para infligir danos no adversário. Na guerra do Vietname assistimos a uma incompatibilidade de paradigmas. A abordagem do Exército dos EUA, que infantizava a guerra convencional, contra a guerra irregular de Giap baseada nos conceitos da Guerra Prolongada do Mao Tse Tung, que evita a guerra convencional e recorre à guerra de guerrilha para desgastar o adversário (Tucker, 2011).

Se no início da guerra, a intenção dos EUA era derrotar as forças de Giap o mais rápido possível, acabou por acontecer exatamente o contrário, o conflito estendeu-se no tempo durante 8 anos .

4.2.2. Efetivo, Organização, Armamento e Equipamento

Na guerra do Vietname, o Exército norte americano organizou-se segundo uma estrutura convencional – Divisão, Brigada, Batalhão, Companhia, Pelotão.

A divisão na Guerra do Vietname era o menor escalão tático capaz de contemplar todos os meios necessário para enfrentar a guerra prolongada de Giap, e de operar de forma autónoma. O Vietname do Sul foi dividido em quatro comandos regionais, designados com um valor compreendido entre I-IV¹², em que cada comando regional ficou sob a responsabilidade de uma divisão (School, 1971).

Cada divisão era constituída por duas ou mais brigadas, em que cada brigada contemplava na sua orgânica entre 3 a 5 batalhões de armas distintas. Os batalhões era assim contituídos por unidades de Infantaria, Cavalaria e Artilharia e unidades de apoio ao combate (School, 1971).

No que toca ao armamento individual, no início do conflito estas foram equipadas com a espingarda semi-automática M 14 (*vide* Ilustração 15). Esta espingarda de calibre 7,62 mm, com um 3,768 kg e um carregador de 20 munições, era a arma que equipava as unidades de combate.



Ilustração 15: A Espingarda Semi-automática M-14

Fonte: [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/M14_\(fuzil\)](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/M14_(fuzil))

¹² *Vide* Anexo B – As Quatro Regiões Militares norte americanas.

Porém esta arma viria a ser substituída pela M-16 em 1966, devido ao facto da M-14 encravar muitas vezes. A M-14 era uma arma que carecia de manutenção permanente para estar pronta a realizar fogo, uma exigência que em tempo guerra é difícil de concretizar.



Ilustração 16: A Espingarda Automática M-16

Fonte: [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/M16_\(fuzil\)](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/M16_(fuzil))

A espingarda automática M-16 (*vide* Ilustração 16), permitia fazer fogo em dois regimes distintos: semi-automático e automático. Esta arma era mais leve do que M-14 pesando cerca de 2,956 kg, devido ao seu calibre de 5.56mm e permitia uma cadência de tiro ente 750 e 900 tiros por minuto.

Além do armamento individual do combatente, cada pelotão tinha organicamente dois lança granadas M79 (*vide* Ilustração 18) e, pelo menos, duas minas Claymore M18A1.



Ilustração 18: A Mina Claymore M18A1

Fonte: <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/M18A1>

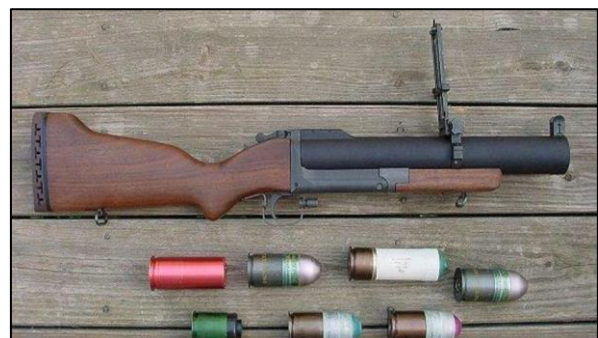


Ilustração 17: O Lança Granadas M79

Fonte: <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/M79>

A

Claymore M18A1 (vide Ilustração 17) era mina antipessoal portátil, que se montava sobre um tripé, em que sua ação iniciadora é feita à distância através de um controlo remoto. Quando iniciada, esta lança mais de 700 aço bolas em um arco de 60 graus com um alcance efetivo a rondar os 50 metros.

No que diz respeito às Companhias, todas elas foram equipadas com três morteiros 81 mm. Porém o morteiro M19 de 60 mm também foi bastante usado, uma vez quer era mais leve e mais fácil de usar e transportar.

No que concerne a viaturas utilizadas durante a guerra do Vietname foram usadas as VBTP M113 (vide Ilustração 19) e o CC de M-48 (vide Ilustração 20).



Ilustração 19: A VB M113

Fonte: <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/M113>



Ilustração 20: O CC M-48

Fonte: <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/M48>

4.3. Do Vietname do Norte

Neste subcapítulo pretende-se apresentar a estratégia que o Vietname do Norte adotou para combater os EUA e ERDV. Iremos também apresentar a forma como os vietcongs se organizaram para combate, bem como o equipamento que estes utilizaram durante o conflito.

4.3.1. A Estratégia do Vietname do Norte

Após o Acordo de Genebra, em 1954, os Viet Minh e o seu Exército de guerrilheiros, com base em *Tonquim* e nas zonas de *Annam*, a norte do paralelo 17, formaram a RDV. O objetivo do Vietname Norte era a unificação com o Sul (segundo o art.º 7 da constituição do Vietname Norte, qualquer oposição a este objetivo seria considerado como um ato de traição) em que a intenção de Ho Chi Minh era a formação da Federação da Indochina (Salamander, 1979).

Porém, o Vietname do Norte tinha algumas fraquezas que poderiam por em causa, o alcançar dos seus objetivos. A principal fraqueza de Ho Chi Minh residia na dependência que este tinha da União Soviética e da China para lhe fornecer armas, equipamento militar e víveres (Thompson, 1983).

Ho Chi Minh queria conquistar o Vietname do Sul através da força militar e à semelhança do que aconteceu na I Guerra da Indochina, este evitou combates convencionais contra as forças norte americanas, recorrendo de novo ao conceito de Guerra prolongada de Mao Tse Tung. Em que o recurso à guerra de guerrilha voltou a ser principal meio usado para ir desgastando o inimigo (Thompson, 1983).

Além das ações ofensivas de 1965 , 1968 , 1972 e o assalto final em Saigão em 1975, os VC adotaram ao longo de todo o conflito uma postura defensiva. No entanto, realizaram algumas operações ofensivas de pequena escala, em que variavam desde ataques a instalações fixas americanas, emboscadas a colunas de abastecimentos à realização de fogos indiretos contras alvos “oportunos” (Conboy, 1991).

Como foi referido no parágrafo anterior, as operações dos VC durante o conflito foram essencialmente de cariz defensivo, nas quais as forças de guerrilha construía posições de combate para defender as principais aldeias e cidades do Vietname do Norte contra os ataques dos EUA (Conboy, 1991).

Os locais onde as posições de combate eram construídas obedeciam a um conjunto de critérios, de forma a colocar os defensores em vantagem. O local da posição de combate deveria ser colocada em terreno favorável ao defensor e ao mesmo tempo desfavorável ao atacante, em que esta não poderia fornecer proteção ao atacante (Conboy, 1991).

A posição de combate deveria estar em locais com vegetação, pois assim era garantida alguma proteção contra a observação aérea. Era ainda importante, que não

houvessem obstáculos naturais nas imediações da posição de combate, pois se fosse necessário executar uma retirada rápida, não haveria constrangimentos (Conboy, 1991).

A defesa VC era constituída por duas linhas de defesa. No caso das vilas e aldeias, a primeira linha de defesa era posicionada fora dos limites da aldeia, enquanto a segunda era colocada no interior da própria aldeia ou vila, em que a ligação entre as posições de combate era feitas através de um sistema de túneis subterrâneos (vide Ilustração 21) (Salamander, 1979).

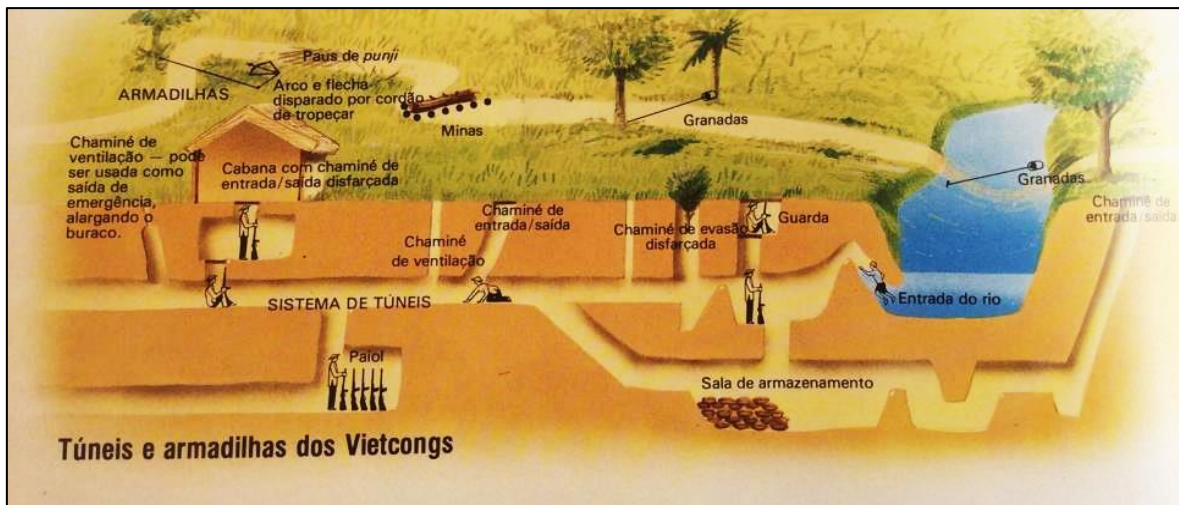


Ilustração 21: Os Tunéis Subterrâneos dos Vietcongs.

Fonte: (Thompson, 1983, p. 200).

As duas linhas de defesa VC eram construídas a uma distância que poderia variar desde dos 50m aos 200m, dependendo da configuração do terreno, de maneira a que segunda linha não fosse visível a partir da primeira (Moore, 2007)

A segunda linha de defesa providenciava uma posição protegida quando a primeira linha se tornava insustentável. A distância entre a primeira e a segunda linha conferia-lhes espaço para recuperar o contacto com o inimigo e abrigarem-se numa posição segura, ou então a partir dela poderiam contra-atacar para poder conquistar a primeira linha – esta tática ficou conhecida como “rubber banding” (Moore, 2007).

Não era incomum serem construídas posições de ataque “manequins”. Estas eram construídas para serem descobertas por observadores aéreos, com vista a afastar a artilharia dos EUA e os ataques aéreos a partir de posições de defesa principais ou, pelo menos, que

exigissem que os EUA gastassem munições e as suas tropas que podiam ser mais úteis noutros lugares (Moore, 2007).

Deve ser salientado que invariavelmente, o objetivo das forças VC/Exército do Povo do Vietname do Norte (EPVN) era retirar, romper o contacto e viver para lutar outro dia. A menos que não tomassem a iniciativa do combate, este seria sempre feito em condições favoráveis de terreno e número, o VC/EPVN sempre tentou evitar o combate com as forças americanas em circunstâncias que fossem tudo menos favoráveis. A tática de contra-ataque só seria usada contra uma força inimiga inferior ou, como no caso de EPVN, contra uma força que se encontrava pouco motivada ou mal comandada (Salamander, 1979).

4.3.2. Os Vietcongs

Durante a II Guerra da Indochina, os EUA e o Vietname do Sul enfrentaram dois adversários, as forças de guerrilha, e uma força convencional denominada de Exército do Povo Vietnamita do Norte, liderados pelo General Giap. Este conjunto de força recebeu a designação de *Vietcongs* – “Vietnamitas Comunitas” (Thompson, 1983).

As principais unidades de VC, eram constituídas por soldados a tempo integral, organizados em formações convencionais, desde companhias a divisões, em que estas foram usadas por Giap para lançar ofensivas de grande escala, sobre uma vasta área do terreno Vietnamita, como por exemplo na ofensiva de Tet. Os soldados destas forças eram relativamente bem treinados, em que recebiam durante um mês, instrução sobre técnicas de combate (Conboy, 1991).

As unidades *Vietcongs*¹³ ainda contemplavam na sua orgânica as forças regionais e as guerrilhas locais. As forças regionais constituídas também por soldados a tempo inteiro, tinham como principal missão operar dentro do seu distrito, ou seja, tinham atribuídas a si uma área de responsabilidade. Ao contrário das unidades principais VC, estas eram formadas por soldados com pouca instrução militar, em que grande parte deste efetivo, era constituído na sua maioria por jovens adolescentes (Conboy, 1991).

No que diz respeito, as guerrilhas locais, estas também eram formadas por elementos com pouca instrução militar, cuja missão era diferente das forças regionais, estas

¹³ Vide Anexo C – A Organização de um Batalhão Vietcong.

tinham a responsabilidade de recrutar novos elementos e instruir os novos recrutas. A instrução contemplava táticas de combate de Infantaria, armamento e tiro e ainda transmissões. Além da instrução militar, recebiam aulas de política, para que entendessem o motivo pelo qual estavam a combater (Conboy, 1991)..

O armamento que equipava as forças VC era conseguido através da captura, ou então através do fornecimento de armamento que recebiam da China.

Em meados de 1960, as principais forças VC, encontravam-se equipadas com a versão chinesa da AK-47 (vide Ilustração 22). A AK-47 era arma ideal para uma força de guerrilha, pois era de fácil manuseamento, robusta e fácil de manter.



Ilustração 22: A Espingarda Automática AK-47

Fonte: (http://www.thespecialistsltd.com/files/Replica_AK47.jpg)

Os VC tinham ainda à sua disposição, lança granadas foguete de 122 mm e canhões sem recuo, para destruir carros de combate e *bunkers* americanos. Durante o conflito foram ainda empregues pelos VC minas anti-pessoal fornecidas pela China e vários dispositivos anti-pessoal de fabrico caseiro (vide Ilustração 17), como por exemplo as “Punji”. Estes componentes, foram projetados e utilizados não para matar o inimigo, mas para o mutilar e feri-lo, para afetar a moral das tropas norte americanas (Conboy, 1991)..

No que toca a CC de Viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal (VBTP), o EPNV, tinha à disposição o CC T-54/55 (vide Ilustração 23) de origem soviética e a BTR 60P(vide Ilustração 24), que era capaz de transportar 16 soldados no seu interior.

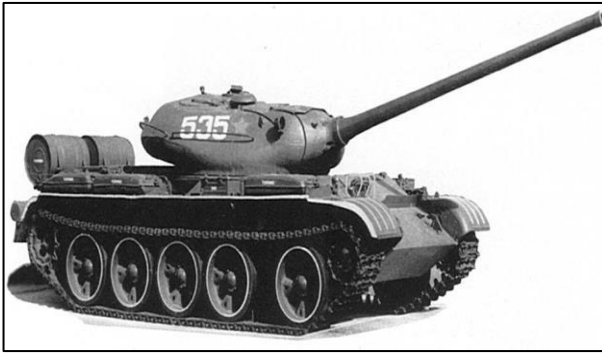


Ilustração 23: O CC T-55

Fonte: <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/T-55>



Ilustração 24: A VBTP BTR 60

Fonte: <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/BTR60>

4.4. A Ofensiva de Tet

Entre 1965 e 1967, os americanos aplicaram uma estratégia de desgaste que tinha como principal objetivo localizar e eliminar as unidades regulares do EPVN, e as forças irregulares VC presentes no Vietname do Sul.

O General Westmoreland defendia que a única maneira de dissuadir os ataques dos Vietname do Norte era através de fogos de artilharia e de ataques aéreos massivos com o objetivo de infligir no adversário o maior número de baixas possível, para que este perdesse a vontade de combater (Rottman, 2011).

Em Novembro 1965, na batalha do Vale de *Ia Drang*, ocorre o primeiro confronto em grande escala entre forças regulares do EUA e o EPVN. Neste confronto o EPVN perdeu cerca de 2 000 homens infligindo apenas 79 baixas no Exército Americano. O poder de fogo americano baseado na estreita articulação da artilharia com o apoio aéreo de helicópteros de combate, caças e bombardeiros B-52 (vide Ilustração 25), desequilibrava os confrontos abertos (Thompson, 1983).

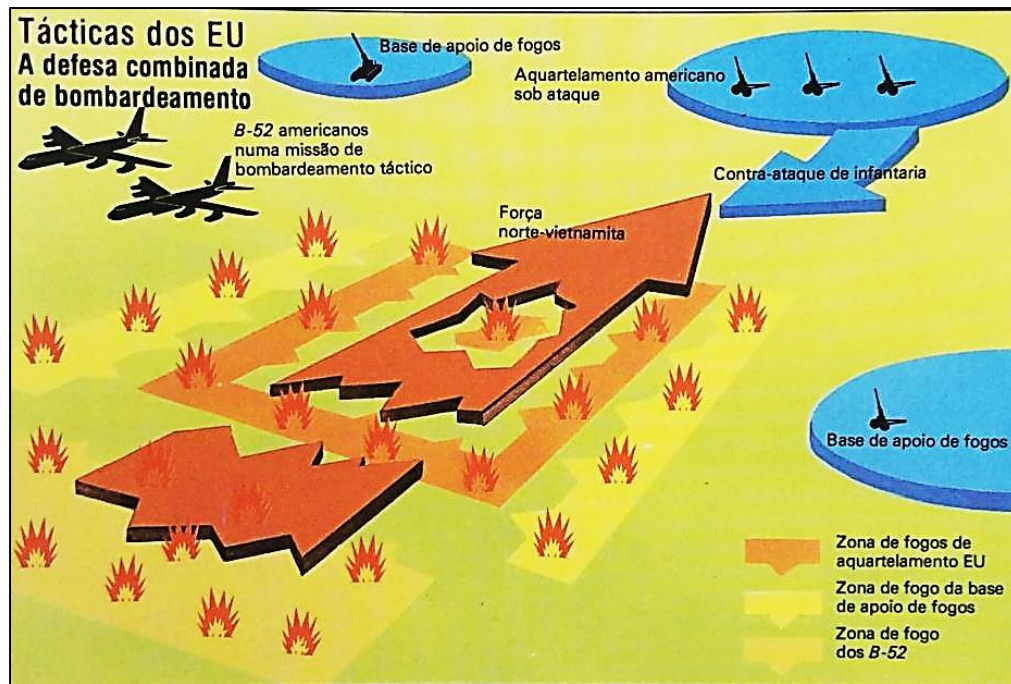


Ilustração 25: A Articulação da Artilharia com o Apoio Aéreo

Fonte: (Thompson, 1983, p. 207)

A Operação *Junction City*, conduzida entre fevereiro e maio de 1967, foi a maior ofensiva deste conflito. Nesta ofensiva um conjunto de 26 batalhões Americanos e Sul Vietnamitas atacaram as forças do Vietname do Norte, a oeste do delta Mekong. No final desta ofensiva, os EUA conseguiram matar mais de 2 700 guerrilheiros e obrigaram à transferência do quartel-general dos VC para Camboja (Rottman, 2008).

Até à ofensiva de Tet, o emprego de meios aéreos em conjugação com fogos de artilharia infligiam nos VC e no EPVN, pesadas derrotas. Além das derrotas, as baixas decorrentes dos combates eram elevadíssimas. A proporção de baixas em combate era quatro vietnamitas mortos por um norte americano morto (Rottman, 2008) .

Estes fatores levaram Giap a reconsiderar a estratégia a aplicar durante a Guerra. Após uma reunião com todos os membros do Poliberato do Vietname do Norte Giap decide lançar uma série de ofensivas por todo o território Vietnamita. Este conjunto de ofensivas recebeu a designação de Tet¹⁴ (Worth, 2002).

¹⁴ Tet significa Ano Novo em Vietnamita. Durante o período de Natal e Ano Novo foi estabelecido um cessar-fogo para que os militares pudessem festejar o Natal e a chegada do novo ano junto dos seus

Giap pretendia lançar um conjunto de ofensivas¹⁵ contra as principais cidades e províncias do Vietname do Sul. A intenção deste era dispersar o inimigo por todo o território Vietnamita de maneira a que os meios humanos e materiais ficassem dispersos. Esta dispersão aumentava a probabilidade dos VC conseguirem alcançar uma vitória contra as forças americanas e uma diminuição de meios humanos e materiais na capital do Vietname do Sul – Saigão. O estado final pretendido era conquistar Saigão. No entanto, o plano de Giap para ser bem sucedido dependia dos seguintes fatores:

- Da adesão do povo do Vietname do Sul;
- Do colapso das forças do ERDV;
- Dos efeitos causados pela ofensiva surpresa (Worth, 2002).

No dia 21 de janeiro de 1968, as forças convencionais do Vietname do Norte lançam uma ação ofensiva sobre o Exército Americano. Neste ataque, 20 000 soldados do EPVN cercaram 5 000 *marines* na base aérea americana de *Khe Sanh* que guardavam a passagem ocidental da Zona Desmilitarizada (Thompson, 1983).

O cerco levado a cabo pelas forças do EPVN, fez com que os *media* o denominassem como o “novo *Dien Bien Phu*”. Porém os *media* estavam errados, sob o ponto de vista de análise militar. *Khe Sahn* era bem mais fácil de defender que *Dien Bien Phu*. *Khe Sahn* situava-se numa colina, e os franceses em *Dien Bien Phu* estavam numa bacia. Ao contrário da posição defensiva francesa em *Dien Bien Phu* que ficou sem capacidade para ser reabastecida, os *marines* norte americanos podiam ser reabastecidos a partir do exterior. Mais importante ainda é que os norte americanos em *Khe Sahn* tinham um grande volume de fogos à sua disposição. Havia cerca de 250 peças de artilharia disponíveis na região de *Khe Sahn*, devido à proximidade que existia com outras bases Americanas – a base de *Carroll*, a 17 km a leste de *Khe Sahn* e na base de *Rockpile* a 15 km a norte de *Khe Sahn* (Worth, 2002).

familiares. Porém, é nesta altura que Giap vai lançar sobre o Vietname do Sul, a ofensiva de Tet com o objetivo de conquistar Saigão.

¹⁵ Vide Anxo D – A Ofensiva de Tet.

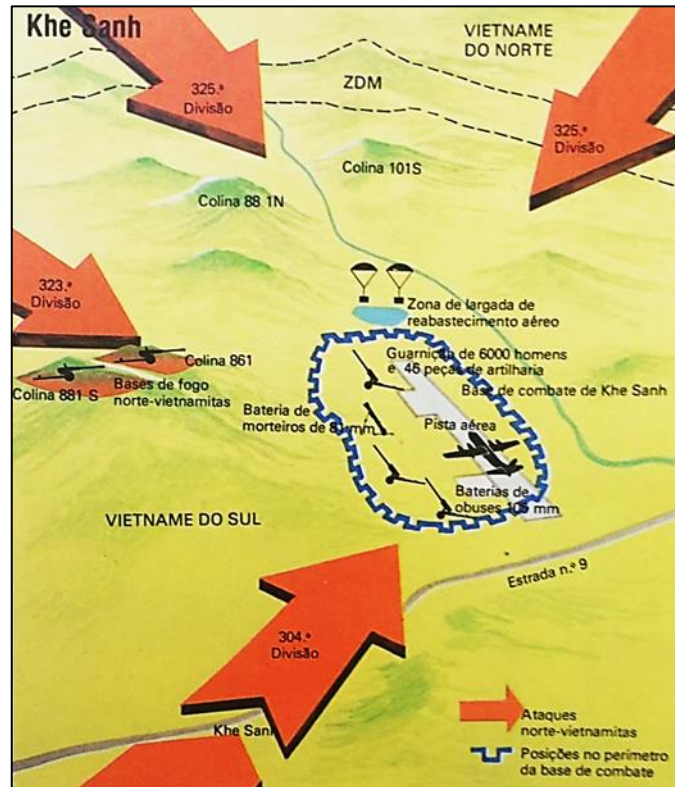


Ilustração 26: O Cerco de Khe Sanh

Fonte: (Thompson, 1983, p. 207)

O cerco de *Khe Sahn* começou no dia 21 de janeiro de 1968, e consistiu principalmente em fogos de artilharia e morteiros contra a posição defensiva americana, e na tentativa dos sapadores norte vietnamitas tentarem romper as defesas do perímetro.

Contudo, o vasto poder de fogo aéreo norte americano transformou os arredores da base, numa carnificina. No final do do cerco mais de 10 000 mil norte-vietnamitas foram mortos e os Americanos conseguiram manter a posição americana em *Khe Sanh* (Worth, 2002).

Apesar da derrota em *Khe Sahn*, os ataques planejados por Giap iriam continuar. A 30 de janeiro de 1968, os VC lançam sobre as série de ataques coordenados contra as principais cidades e províncias Sul Vietnamitas, incluindo a capital – Saigão, iniciando-se assim a Ofensiva de Tet (Arnold, 1990).

Esta ofensiva de Giap tinha como finalidade atacar seis objetivos (*vide* Ilustração 27) primários na região de Saigão, o Quartel-General Sul Vietnamita, o Palácio Presidencial, a Embaixada norte Americana, a base aérea em *Tan Son Nhut*, o Quartel-

General da Marinha Vietnamita e a rádio local, conforme se pode visualizar na Ilustração 28.

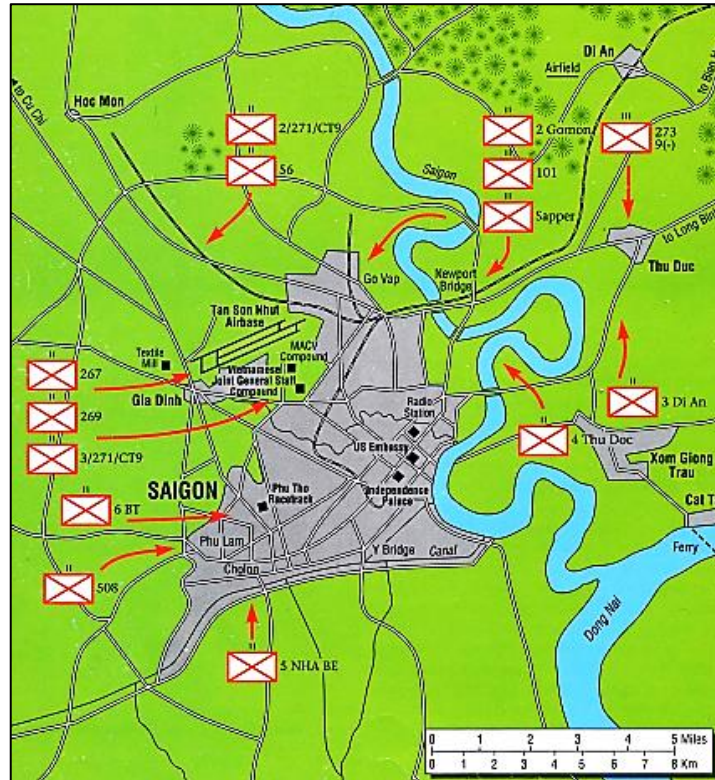


Ilustração 27: O Assalto em Saigão

Fonte: (Arnold, 1990, p. 42)

A nível tático, a ofensiva de Tet foi um autêntico fracasso. Giap conseguiu surpreender os EUA com esta ofensiva, mas não foi capaz de explorar esta vantagem. Giap devido ao elevado número ataques que lançou violou o princípio da guerra – massa¹⁶. Ao atacar em várias frentes ao mesmo tempo, Giap não tinha superioridade em nenhuma delas. Este foi o principal motivo da derrota das forças VC nesta ofensiva (Arnold, 1990).

¹⁶ A fim de alcançar o sucesso, deve empregar-se um potencial de combate superior ao do adversário no local e no momento em que se pretende obter a decisão. Essa superioridade consegue-se combinando os vários meios disponíveis de forma a concentrar os efeitos do potencial de combate para esmagar o adversário e garantir o controlo da situação. A aplicação correta do princípio da Massa, em conjugação com outros princípios, pode permitir que forças numericamente inferiores obtenham uma superioridade decisiva, local e momentânea para o desenrolar das operações (Exército Português, 2012).

Em relação aos três pressupostos levantados por Giap antes de iniciar a ofensiva, este estava errado em relação a dois deles. O povo do Vietname do Sul não aderiu à causa comunista nem o ERDV colapsou, até pelo contrário ficaram mais motivados por terem alcançado uma vitória sobre os VC (Arnold, 1990)..

No entanto os efeitos que estes ataques tiveram a nível social, é possível afirmar que Giap alcançou uma vitória. O Vietname foi a primeira grande guerra a ser inteiramente supervisionada. Diariamente chegavam aos EUA, imagens dos combates que se travavam no território Vietnamita, que chocavam a população civil. A presença contínua dos media influenciou significativamente como o público via o conflito, e teve um papel importante no aumento da oposição da opinião pública perante a guerra (Arnold, 1990).

A ofensiva de 1968 mudou drasticamente a visão segura que as autoridades americanas insistiam em passar para a população. Aos olhos da população americana, aquele conflito não poderia ser facilmente vencido. Afinal de contas, como é que é possível que com mais de dois anos de ocupação os EUA serem alvo de uma ofensiva com aquela proporção? (Arnold, 1990).

Ao descontentamento público acrescentava-se o elevado custo que a guerra estava a impor aos EUA. A ofensiva de Tet demonstrou aos EUA que a guerra não estava a chegar ao fim e que se este quisesse vencer teriam que empenhar ainda mais recursos para atingir a vitória (Arnold, 1990)..

Perante estes acontecimentos, os EUA sentiu a necessidade de mudar a sua estratégia, pelo que iniciam o processo de “vietnamização” do conflito, adotando uma estratégia cujo o propósito era promover a redução gradual do envolvimento norte-americano, ao mesmo tempo que criava condições que possibilitassem ao ERDV vencer a guerra sozinho (Arnold, 1990)..

4.5. Síntese Conclusiva

Deste capítulo é importante que se retenham os seguintes aspetos:

- Os EUA não saíram derrotados deste conflito a nível militar, mas sim a nível político. A insatisfação da população civil americana em conjunto com os custos

que a guerra estava a ter para o país ditaram o fim do empenhamento de mais militares americanos no Vietname.

- Depois da análise deste conflito, é possível afirmar que Giap utilizou o conceito de GM. Este aproveitou os festejos do ano novo para atacar o Vietname do Sul, numa altura em que o adversário se encontrava mais vulnerável. Recorreu ao efeito surpresa para deixar o inimigo numa situação desvantajosa.
- Giap cometeu um erro grande erro na ofensiva de Tet quando não definiu o esforço do ataque. Se o objetivo era conquistar Saigão deveria ser nesse local que ele deveria concentrar maior potencial de combate para poder alcançar a vitória.
- Os media foram o factor chave para conceder a vitória ao Vietname do Norte. Após o fim da Ofensiva de Tet, a imagem que passou para o mudou foi que os EUA não estavam a conseguir controlar a situação no Vietname e que muito dificilmente conseguiriam vencer aquela guerra.
- A ofensiva de Tet demonstrou que o conceito vitória necessitava de uma nova interpretação. A vitória neste tipo de conflitos dependia da relação dos resultados táticos, psicológicos, estratégicos e políticos que as operações militares alcançavam.

Capítulo V

Conclusões e Recomendações

5.1. Introdução

As conclusões têm por objetivo apresentar as reflexões finais acerca da investigação efetuada, através da resposta às perguntas derivadas e à questão central levantadas no início do trabalho.

5.2. Resposta às Questões Derivadas

1ª Questão Derivada: Qual o impacto da assimetria das partes têm num conflito de natureza subversiva, em que é aplicada a guerra de manobra?

Depois de analisar a I e II Guerra da Indochina podemos afirmar que em ambos os conflitos não se verificou a aplicação da GM por parte das forças convencionais. Porém verifica-se a utilização desta por Giap.

No que diz respeito à atuação francesa na I Guerra da Indochina, esta adotou uma estratégia defensiva, através do estabelecimento de postos defensivos para controlar as principais cidades Vietnamitas a fim de evitar a propagação do movimento de libertação Vietnamita, ao invés de procurar o ponto fraco do inimigo para o derrotar.

O ponto fraco dos *Viet Minh* eram os abastecimentos. Os Franceses deveriam ter interrompido as linhas de abastecimento provenientes da China e do Laos. Sem as linhas de abastecimento asseguradas, estes não teriam capacidade para continuar a combater.

Apesar dos *Viet Minh* não possuírem tantos meios como o CEF, a aplicação do conceito de Guerra Prolongada concedeu-lhes tempo e espaço necessário para esbater a assimetria que existia entre eles. Os *Viet Minh* utilizaram a Guerrilha como o principal meio para ir desgastando o adversário e lançaram-se nas ofensivas apenas quando conseguiram ter uma força numerosa e minimamente equipada. Devido a este facto é possível de se afirmar que Giap evitou os pontos fortes inimigos que eram os combates convencionais e atacou os ponto fraco inimigo que eram a falta de técnicas, táticas e procedimentos em operações de contra-insurgência.

No que concerne à II da Indochina, a estratégia aplicada pelos EUA baseou-se no combate atrição. O objetivo dos EUA era destruir os VC recorrendo a todos os meios que tinham à sua disposição. À luz do conceito de GM devemos avaliar o inimigo de maneira a descobrir o seu ponto fraco para que possamos empregar a força da maneira mais eficaz, a fim de poupar recursos.

A intervenção americana no Vietname estava a ver altamente dispendiosa, e quando a Ofensiva de Tet ocorre, a população americana ficou indignada porque não conseguiu perceber como é que depois de tantos combates, os VC conseguiram lançar uma ofensiva daquela proporção. A ideia que ficou na mente da população civil é que se os EUA quisessem vencer aquela guerra, ainda teriam que empenhar mais meios humanos e materiais para o conseguir. Porém, a sociedade americana não estava disposta acarretar mais perdas humanas decorrentes da Guerra do Vietname.

Em síntese:

- Nenhuma das Forças Convencionais recorreu ao conceito da GM de manobra para derrotar o Inimigo;
- A GM foi aplicada por Giap. Quando adotou a estratégia de Guerra Prolongada, e na Ofensiva de Tet quando atacou Saigão surpreendendo as forças Americanas e o ERDV.

2ª Questão Derivada: Qual o impacto que os media têm num conflito de natureza subversiva, em que é aplicada a guerra manobra?

Os media tiveram maior influência na II Guerra da Indochina do que na primeira. A II Guerra da Indochina foi a primeiro conflito a ser inteiramente filmado. A presença contínua dos media influenciou significativamente como o público via o conflito, e teve um papel importante no aumento da oposição da opinião pública perante a guerra, após a Ofensiva de Tet.

3ª Questão Derivada: Qual o impacto de não se dominar a iniciativa num contexto de um conflito de natureza subversiva em que é aplicada a guerra de manobra?

No caso da I da Guerra da Indochina, a França devido ao facto de adotar uma postura defensiva permitiu que a iniciativa ficasse do lado dos Viet Minh. Este aspeto concedeu aos *Viet Minh* impor o ritmo do combate que melhor se adaptava às suas forças. Na fase inicial do conflito, as ações dos *Viet Minh* restringiam-se a ataques levados a cabo pelas forças de guerrilha contra posições defensivas francesas e no ataque a colunas de abastecimentos. Em 1950 quando Giap já tinha à sua disposição uma força capaz de enfrentar o CEF lança uma série de ofensivas a fim de conquistar Hanói, e apesar de não ter conseguido alcançar o seu objetivo inflingiu no inimigo danos de tal ordem que provou um repensar da estratégia francesa.

No que concerne à II Guerra da Indochina, a iniciativa esteve sempre do lado dos Americanos até à Ofensiva de Tet. Porém os resultados que os EUA obtiam das ofensivas que lançavam não demonstravam que a vitória estivesse assegurada. A vitória neste tipo de conflitos depende da relação dos resultados táticos, psicológicos, estratégicos e políticos que as operações militares alcançam. Os Americanos alcançavam vitórias ao nível tático, mas a outros níveis saíram derrotados, nomeadamente a nível político, muito devido à má aplicação da força.

5.3. Resposta à Questão Central

Questão Central: Quais as vantagens de aplicar a GM, no contexto de um conflito de natureza subversiva?

O facto da GM atacar somente os pontos fracos inimigos, restringe o uso da força em certa parte. A restrição que é feita não é nível de meios humanos ou materiais, mas sim ao nível do emprego da força, uma vez que o esforço é orientado apenas num ponto – o ponto fraco inimigo.

Assim sendo, as vantagens da aplicação da GM num conflito de natureza subversiva são os seguintes:

- Pelo motivo do esforço estar voltado apenas para o ponto fraco inimigo evita que haja combates desnecessários. O objetivo da GM é que em cada combate se obtenham resultados decisivos. Se assim não for, a continuidade das operações é posta em causa, como aconteceu na I e II Guerra da Indochina. Tanto os Franceses como os Americanos não procuram atacar o Inimigo no seu ponto fraco, que era a sua base logística, ao invés disso, procurou destruir o Inimigo.
- O recurso à GM é uma maneira económica de empregar a força, uma vez que esta apenas orientada para um único ponto, não põdo em causa a continuidade da guerra como aconteceu na II Guerra da Indochina. Em que os custos que a guerra estava a impor aos EUA não eram suportáveis.
- Num conflito de natureza subversiva, outro ponto fraco das forças subversivas é a população civil. As forças convencionais devem procurar assegurar segurança e apoio à população civil. Só assim é que será possível recolher informações acerca das intenções da guerrilha, uma vez que esta atua no seio da população civil.

Bibliografia

- American Army. (2007). *FM 7-98 Operations*. Washington: American Army. Obtido em 09 de 02 de 2015, de <https://armypubs.us.army.mil/doctrine/index.html>).
- American Army. (2009). *Joint Publication JP 3-24 Counterinsurgency Operations*. American Army.
- American Army. (2014). *FM 3-24 Insurgencies And Countering Insurgencies*. Washington: American Army. Obtido em 2015 de fevereiro de 13, de <https://fas.org/irp/doddir/army/fm3-24.pdf>
- Arnold, J. R. (1990). *Tet Offensive 1968: Turning Point in Vietnam*. London: Osprey Publishing Ltd.
- Barroso, L. F. (2007). *Guerra de Manobra: Plataforma para Effects based Warfare?* Revista Militar. Obtido em 13 de fevereiro de 2015, de <http://www.iesm.pt/cisdi/boletim/Artigos/B2.8.pdf>
- Beckett, I. e. (1983). *A Gerra no Mundo*. Londres: Orbis Publishing.
- Boyd, J. R. (2007). *Patterns of Conflict*.
- Campenhout, R. Q. (1992). *Manual De Investigação Em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Clausewitz, C. V. (1996). *Da Guerra*. WMF Martins Fontes.
- Conboy, K. (1991). *The NVA and Viet Cong*. Oxford: Osprey Publishing Ltd.
- Espírito Santo, G. (2014). *Da Arte da Guerra à Arte Militar*. Cascais: Tribuna da História.
- Estado Maior do Exército. (1961). *O Exército Na Guerra Subversiva - 1ª Parte*. Estado Maior do Exército.
- Exército Português. (2012). *Operações*. Exército Português.
- Freixo, M. J. (2012). *Metodologia Científica: Fundamentos Métodos e Técnicas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Garcia, F. P. (26 de Julho de 2004). www.jornaldefesa.pt. Obtido em 12 de março de 2015, de database.jornaldefesa.pt: http://database.jornaldefesa.pt/assuntos_diversos_defesa/O%20fen%C3%B3meno%20da%20Guerra%20no%20novo%20s%C3%A9culo%20uma%20perspectiva.pdf
- Giap, G. V. (s.d.). *Guerra do Povo - Exército do Povo*. Lisboa: Ulmeiro.
- Heering, G. C. (2010). *A guerra do Vietname*. Lisboa: Edições 70, LDA.

- Leonard, T. M. (2006). *Encyclopedia of the Developing World*. Nova Iorque: Routledge Taylor & Francis Group.
- Leonhard, R. (1991). *The Art Of Maneuver: Maneuveur Warfare Theory and Air Battle*. Presidio Press Book.
- Lind, W. S. (1985). *Maneuver Warfare Handbook*. Boulder, Colorado: Westview Press.
- Magnoli, D. (2011). *História das Guerras*. São Paulo: Editora Contexto.
- Mendes Dias, C. M., & Carriço, A. (2009). *Vo Nguyen Giap*. Lisboa: Prefácio.
- Mendes, J. M. (1987). *A História Como Ciência: Fontes, Metodologia e Teorização*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Messenger, C. (2001). *Reader's Guide to Military History*. Nova Iorque: Fitzroy Dearborn Publishers.
- Moore, D. K. (2007). *Tribal Soldiers of Vietnam: The Effects of Unconventional Warfare on Tribal Populations*.
- Rottman, G. L. (2008). *The US Army in the Vietnam War 1965-73*. New Yprk: Osprey Publishing Ltd.
- Rottman, G. L. (2011). *Vietnam Infantry Tactics*. New York: Osprey Publishing Ltd.
- Roy, J. (1965). *A Batalha de Dien Bien Phu*. Lisboa: LIVRARIA BERTRAND.
- Salamander. (1979). *The Vietnam War*. Londres: Salamander Books Ltd.
- Sarmento, M. (2008). *Guia Prático sobre Metodologia Científica para a Elaboração, Escrita e Apresentação de Teses de Doutoramento, Dissertações de Mestrado e Trabalhos de Investigação Aplicada*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.
- Sarmento, M. (2013). *Metodologia Científica: Para elaboração, escrita e apresentação de teses*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.
- School, I. M. (1971). *A Distant Challenge*. Birmingham, Alabama: Birmingham Publishing Company.
- Silva, M. d. (2005). *Terrorismo e Guerrilha - Das Origens à Al-Qaeda*. Lisboa: Edições Sílabo, Lda.
- Thompson, S. R. (1983). *A Guerra no Mundo Depois de 1945*. Lisboa : Verbo.
- Times, T. (2003). *História da Guerra*. Londres: TIMES BOOKS.
- Tucker, S. C. (2011). *The Encyclopedia Of Vietnam War*. Santa Barbara - California: ABC - CLIO, LLC.
- United States Marine Corps. (1998). *Warfighting Cliff Notes*. Quantico, Virginia: United States Marine Corps.

Willbanks, J. H. (2013). *Vietnam War: The Essential Reference Guide*. Santa Bárbara, Califórnia: ABC-CLIO, LCC.

Windrow, M. (1998). *The French Indochina War 1946-54*. Osprey Publishing Limited.

Worth, R. (2002). *Tet Offensive*. Chelsea: Chelsea House Publishers.

Anexos

Anexo A – A Organização de uma Divisão Viet Minh

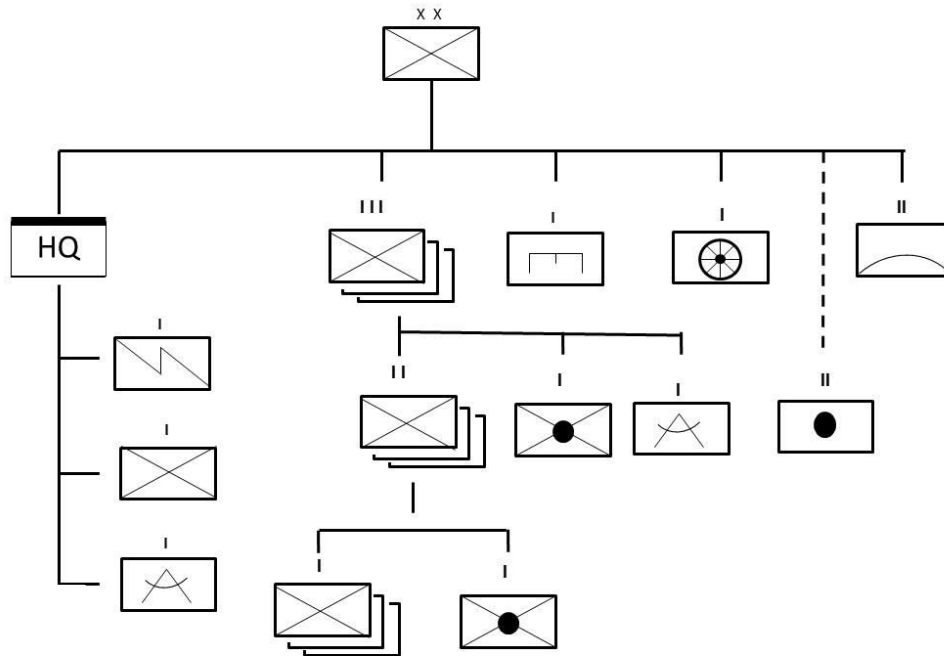
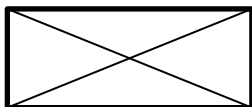


Ilustração 28: A Organização de uma Divisão Viet Minh

(Fonte: Carlos Manuel Mendes Dias, Von Nguyen Giap – O Homem que derrotou os Franceses, 2009, p.240)

X X



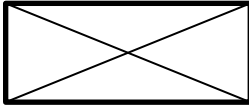
Divisão 304

| | |
|----------------------------------|---|
| Data de Formação: | 4 de Janeiro de 1950 na província de Thanh Hoa |
| Nome: | “ <i>Nam Dinh</i> ” |
| Comandante: | Hoang Minh Tao (Fevereiro 1950- Novembro 1953) Hoang Van Sam (Novembro 1953- finais 1955) |
| Segundo Comandante: | Lam Kinh (desde Outubro de 1954) |
| Comissário Político: | Tran Van Quang (Fevereiro 1950-1951) Le Chuong (1951- finais 1955) |
| Vice-Comissário Político: | Truong Cong Can (desde Outubro de 1954) |
| Área de Operações: | Área de Tuyen Quang e Delta do Rio Vermelho |
| Regimentos de Infantaria: | <p>Regimento de Infantaria 9 (Comandante: ?; Comissário Político: Le Hap) Batalhão de Infantaria 353 Batalhão de Infantaria 375 Batalhão de Infantaria 400 Companhia de Transmissões 164</p> <p>Regimento de Infantaria 57 (Comandante: Mai Hien; Comissário Político: Nguyen Kha) Batalhão de Infantaria 265 Batalhão de Infantaria 346 Batalhão de Infantaria 418 Companhia de Transmissões 162</p> <p>Regimento de Infantaria 66 “Ky Con” (Comandante: Minh Van, Comissário Político: Son Hung) Batalhão de Infantaria 766 “Nguyen Hue” Batalhão de Infantaria 782 “Le Loi” Batalhão de Infantaria 798 “Go To” Companhia de Transmissões 166</p> |
| Unidades Orgânicas: | <p>Escola Político-Militar (Comandante: Nguyen Son Nham)</p> <p>Companhia de Transmissões 161 Companhia de Informações 20 (Comandante: Nguyen Ha) Companhia de Segurança do QG 77 (Comandante: Le Hy)</p> <p>Grupo de Artilharia 840 (Comandante: Dao Lan) Canhões sem recuo de 75mm, morteiros 120mm</p> <p>Grupo de Artilharia Anti-Aérea 533 (Comandante: Manh Tai, Comissário Político: Nguyen Can) Companhia Anti-Aérea 63 Companhia Anti-Aérea 95 Companhia Anti-Aérea 99</p> <p>Batalhão de Engenharia (Comandante: Le Si Uyen)</p> <p>Batalhão de Instrução 505 (Comandante: Nguyen Bao)</p> |

Tabela 1: A Organização da Divisão 304 Viet Minh

Fonte: Carlos Manuel Mendes Dias, Von Nguyen Giap – O Homem que derrotou os Franceses, 2009, p.241

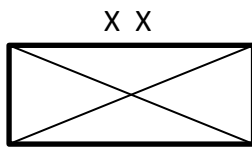
X X

**Divisão 308**

| | |
|------------------------------|---|
| Data de Formação: | Agosto de 1949 como Grupo Regimental 308, reorganizado na China entre Julho e Agosto de 1950 |
| Nome: | “ <i>Viet Bac</i> ”, “Capital” |
| Comandante: | Vuong Tua Vu (Agosto 1949-...) |
| Comissário Político: | Song Hao (Agosto 1949-...) |
| Área de Operações: | Área de Thai Nguyen, Viet Bac |
| Área de Recrutamento: | Vinh, Phuc, Yen, Hanói |
| Unidades Orgânicas: | Como Grupo Regimental 308: Regimento de Infantaria 92 Regimento de Infantaria 102 “Ba Vi” Regimento de Infantaria 308 Um Grupo de Artilharia |
| | Desde Meados de 1950: Regimento de Infantaria 36 (Batalhões 80, 84, 89) Regimento de Infantaria 88 “Tam Dao” (Batalhões 23,29,322) Regimento de Infantaria 102 “Ba Vi” (Batalhões 18, 54, 79) Um Grupo de Artilharia |
| Observações: | A primeira das Divisões <i>Viet Minh</i> , considerada uma força de elite. |

Tabela 2: A Organização da Divisão 308 Viet Minh

Fonte: Carlos Manuel Mendes Dias, Von Nguyen Giap – O Homem que derrotou os Franceses, 2009, p.241

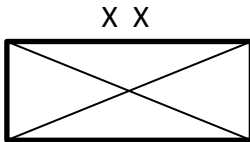


Divisão 312

| | |
|-----------------------------|--|
| Data de Formação: | 27 de Outubro de 1950 |
| Nome: | “ <i>Ben Tre</i> ”, “ <i>Chien Tang</i> ” (Vitoriosa) |
| Comandante: | Le Trung Tan (Outubro 1950-1953) Hoang Cam (1953-...) |
| Comissário Político: | Tran Do (anterior a 1954) |
| Área de Operações: | Área de Thai Nguyen, Viet Bac |
| Unidades Orgânicas: | Regimento de Infantaria 141 “Hongai” (Batalhões 11, 16, 428) Regimento de Infantaria 165 “Dong Trieu” (Batalhões 115, 542, 564) Regimento de Infantaria 209 (Batalhões 130, 154, 166) Grupo de Artilharia 154 |

Tabela 3: A Organização da Divisão 312 Viet Minh

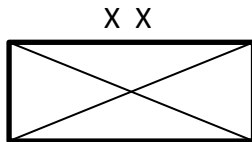
Fonte: Carlos Manuel Mendes Dias, Von Nguyen Giap – O Homem que derrotou os Franceses, 2009, p.242

**Divisão 320**

| | |
|-----------------------------|---|
| Data de Formação: | 1 de Maio de 1951 |
| Nome: | <i>“Bien Hoa”</i> |
| Comandante: | Le Quang Ba (1953 – 1958) |
| Comissário Político: | Chu Huy Man (Comissário Político, Maio 1951 – 1953) |
| Área de Operações: | Área de Thai Nguyen e Viet Bac |
| Unidades Orgânicas: | Regimento de Infantaria 98 (Batalhões de Infantaria 215, 439, 933) Regimento de Infantaria 174 (Batalhões de Infantaria 249, 249, 251) Regimento de Infantaria 176 (Batalhões de Infantaria 888, 970, 999) Grupo de Artilharia 980 |
| Observações: | Metade dos seus efectivos eram da etnia Tho |
| Campanhas: | Mao Khe Montanhas Thai (Outubro de 1952) |

Tabela 4: A Organização da Divisão 316 Viet Minh

Fonte: Carlos Manuel Mendes Dias, Von Nguyen Giap – O Homem que derrotou os Franceses, 2009, p.243

**Divisão 316**

| | |
|-----------------------------|---|
| Data de Formação: | 16 de Janeiro de 1951 |
| Nome: | “ <i>Dong Bang</i> ” |
| Comandante: | Van Tien Dung (1951 - 1952) Le Trung Tan (1953 - 1955) |
| Comissário Político: | - |
| Área de Operações: | Nam Dinh (Delta do Rio Vermelho) |
| Unidades Orgânicas: | Regimento de Infantaria 48 Regimento de Infantaria 52 Regimento de Infantaria 64 1 Grupo de Artilharia |

Tabela 5: A Organização da Divisão 320 Viet Minh

Fonte: Carlos Manuel Mendes Dias, Von Nguyen Giap – O Homem que derrotou os Franceses, 2009, p.243

Anexo B – As Quatro Regiões Militares Americanas



Ilustração 29: A Região Militar 1

Fonte: (School, 1971)

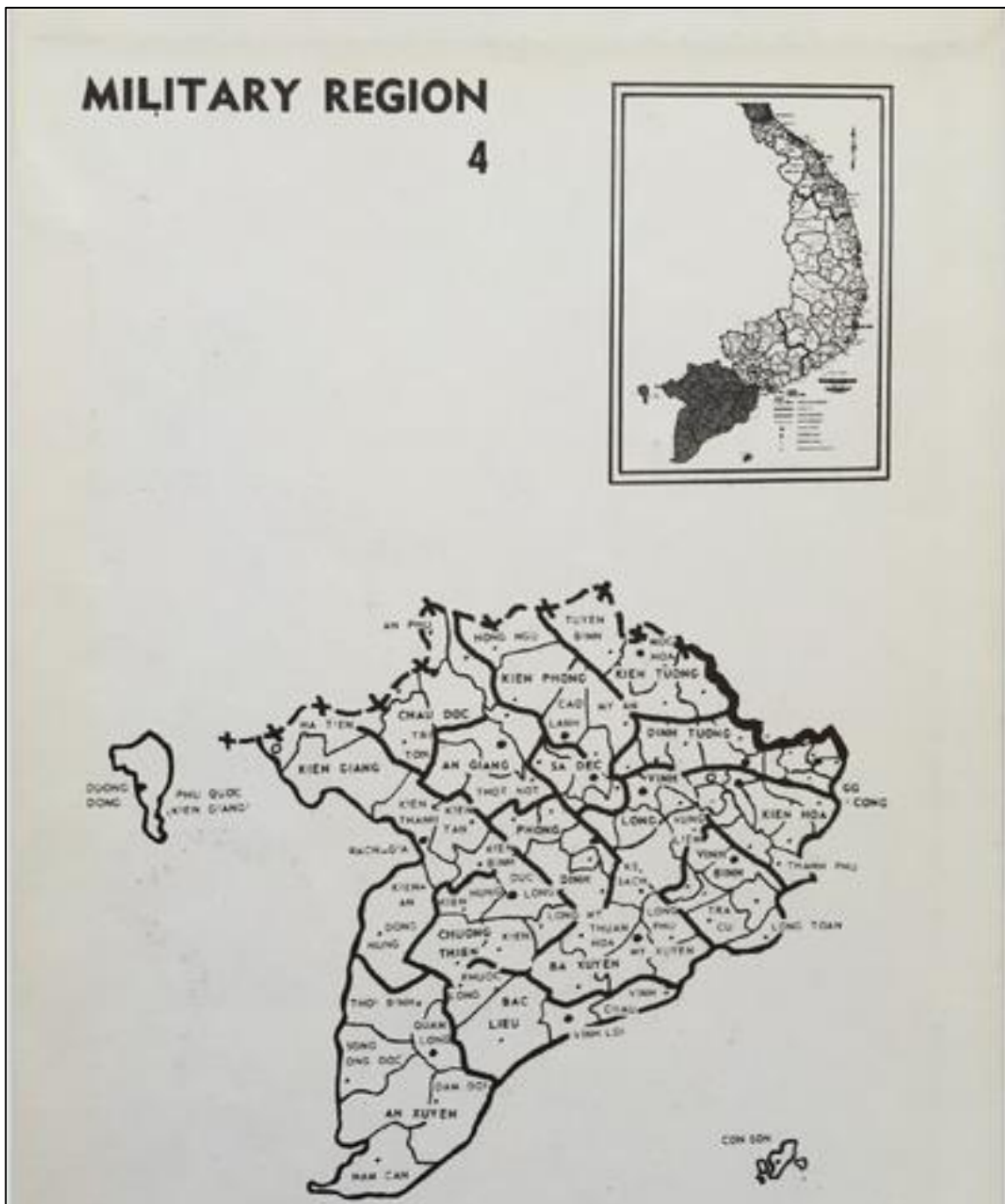


Ilustração 32: A Região Militar 4

Fonte: (School, 1971)

Anexo C – A Organização de um Batalhão Vietcong

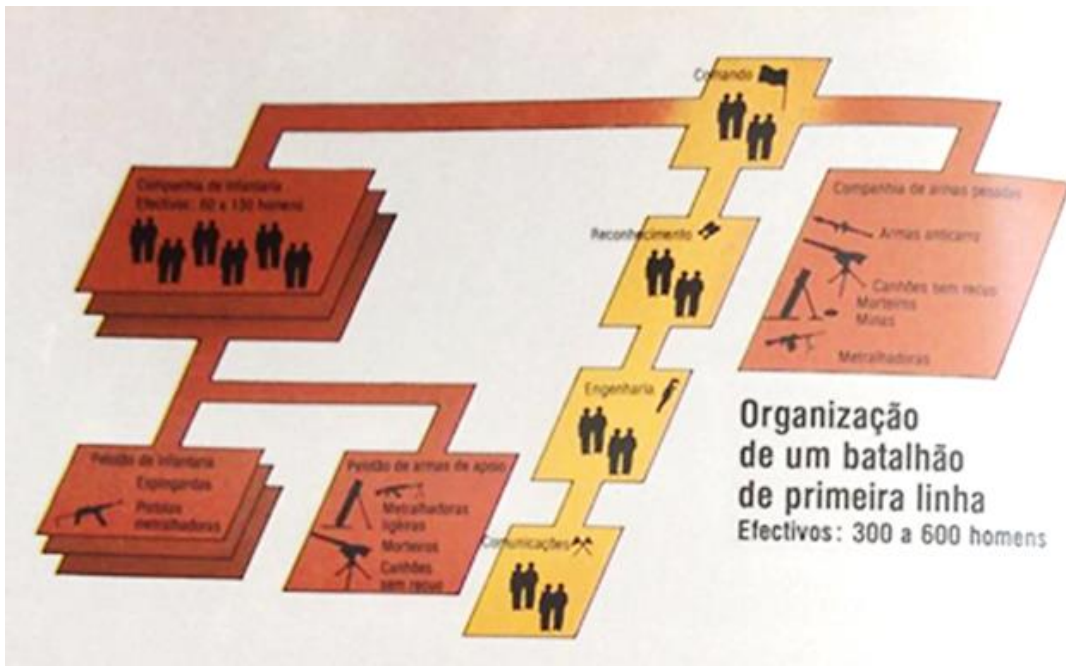


Ilustração 33: A Organização de um Batalhão Vietcong

Fonte: (Thompson, 1983, p. 202)

Anexo D – A Ofensiva de Tet

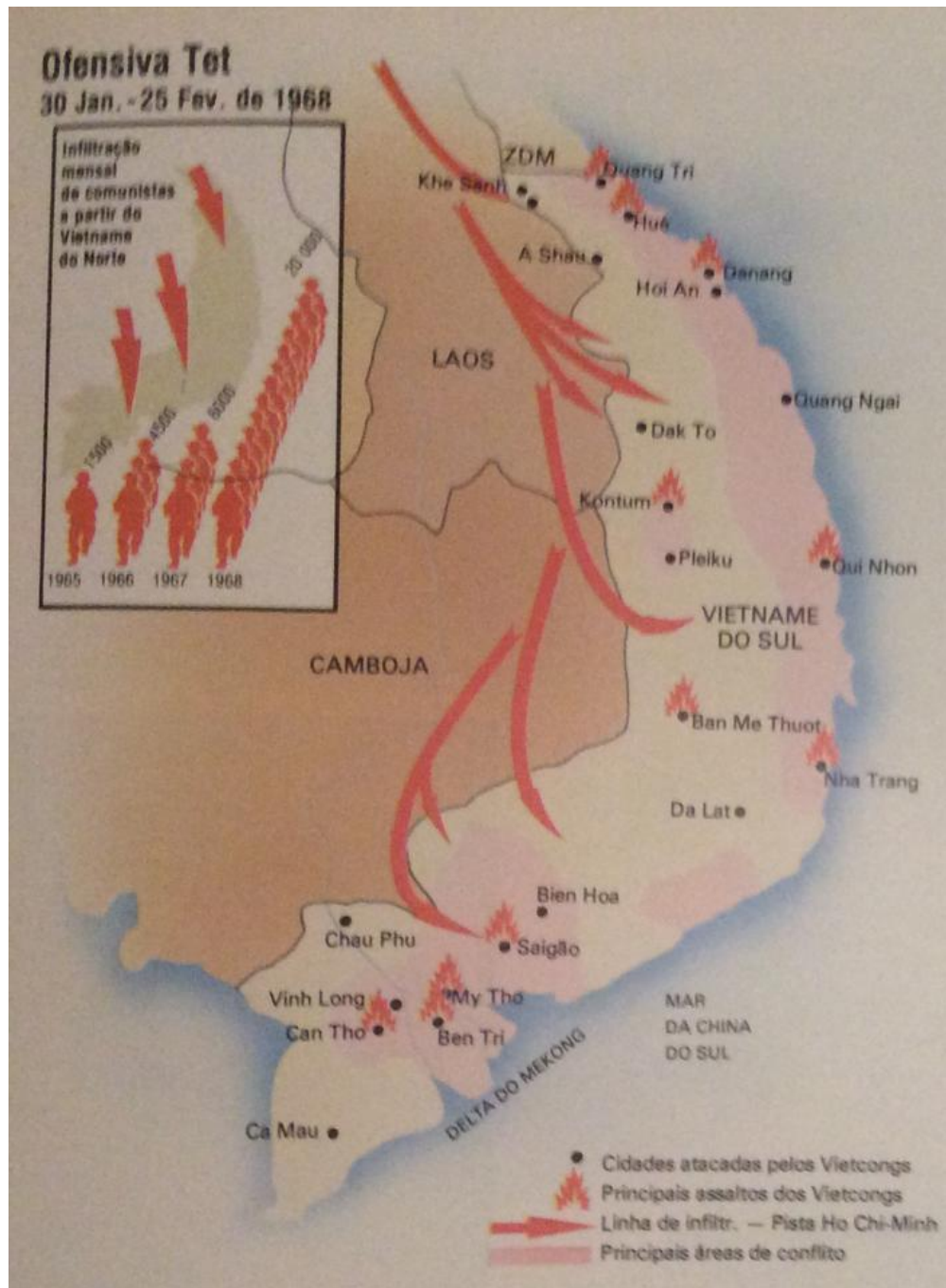


Ilustração 34: A Ofensiva de Tet

Fonte: (Thompson, 1983, p. 204)

